



Tradução Comentada do Conto "The True Story of the 3 Little Pigs!"

Cristiana Filipa Fernandes da Silva

**Trabalho de Projeto
Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas**

Esta versão contém as críticas e sugestões dos elementos do júri

Porto – 2019

**INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO**



Tradução Comentada do Conto “The True Story of the 3 Little Pigs!”

Cristiana Filipa Fernandes da Silva

Trabalho de Projeto
apresentado ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto para a
obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas, sob
orientação do Professor Doutor Manuel Moreira da Silva

Porto – 2019

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO
INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO

Resumo:

O Trabalho de Projeto apresentado tem por objeto a tradução para português de Portugal de um conto em língua inglesa, que se enquadra no âmbito da literatura infantil, intitulado *The True Story of the 3 Little Pigs!*, de Jon Scieszka e Lane Smith. Na primeira parte deste projeto é abordado o conceito de literatura infantil, salientando as suas características muito próprias, que a tornam, de certa forma, diferente dos outros tipos de literatura. Essas características são utilizadas de acordo com a perceção do autor sobre o público para quem escreve, pelo que variam consoante a imagem que este tem sobre a criança. Da mesma forma, é destacado também o papel do tradutor neste âmbito, referindo os aspetos que deve ter em conta durante a sua tradução.

Na segunda parte deste projeto é feito um enquadramento do autor no ambiente envolvente e que o levou a concretizar o seu livro, assim como a contextualização do próprio conto a ser traduzido. Para além disso, também é realizada uma análise ao conto já traduzido por Pedro Soares Maia, para português do Brasil.

Finalmente, é feita uma reflexão sobre as opções tradutivas e as dificuldades inerentes à tradução do conto de Scieszka, concretizando assim o último capítulo deste projeto.

Palavras chave: Literatura infantil; Jon Scieszka; Lane Smith; Tradução literária; The True Story of the 3 Little Pigs

Abstract:

The following Project study aims to translate an English language tale to Portuguese of Portugal, which falls under the scope of children's literature. The name of the tale is *The True Story of the 3 Little Pigs!*, by Jon Scieszka and Lane Smith. The first part of this project provides a concept for children's literature, highlighting its very own characteristics, which makes it somewhat different from other types of literature. These characteristics are used according to the author's perception of the audience for whom (s)he writes, so it changes with the perspective of the image (s)he has about the child. Likewise, the role of the translator in this field is also highlighted, as I refer to the aspects that must be taken into consideration during the translation.

The second part of this project enhances the author's background in his surrounding environment, which led him to accomplish his book. Also, a context of the story itself is made. In addition, I also made an analysis of the tale already translated to Portuguese of Brazil, by Pedro Soares Maia.

Finally, in the last chapter of this project study, a reflection about the translation options and difficulties inherent to the translation of Scieszka's tale is made.

Key words: Children's Literature; Jon Scieszka; Lane Smith; Literary translation; The True Story of the 3 Little Pigs

Aos meus pais
E à criança que há em mim.

*Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.*

*Na outra não há caixões, nem mortes,
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.*

Álvaro de Campos, “Dactilografia”

Agradecimentos

Em primeiro lugar, tenho de agradecer ao meu orientador, o Professor Doutor Manuel Moreira da Silva, pela disponibilidade e atenção que me prestou ao longo do projeto, ainda que, por vezes, tivesse de dispensar um bocadinho do seu tempo pessoal para me ajudar.

Para além disso, quero agradecer também ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP) pela oportunidade, e claro, aos professores tanto do Mestrado em Tradução e Interpretação Especializadas, como os da Licenciatura em Assessoria e Tradução, pelos conhecimentos que me transmitiram ao longo destes cinco anos.

Agradeço também à minha família, especialmente aos meus pais, aos meus avós e aos meus irmãos. Aos meus pais e aos meus avós porque sem o apoio contínuo deles não estaria aqui hoje. Aos meus irmãos pela infinita paciência que me dedicaram quando a minha se esgotava.

Também tenho de agradecer ao Pedro, pela ajuda imensa que obtinha sempre que alguma dúvida me surgia pela frente.

E por último, quero agradecer a todos aqueles que estiveram a acompanhar este processo, ao meu lado, a apoiar-me nos momentos mais críticos, incentivando-me a continuar e a dizerem-me que iria conseguir.

Muito obrigada a todos.

1 - INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 2	5
2.1 – Sobre o conceito de Literatura Infantil	6
2.2 – O Tradutor e a Tradução	11
2.3 – A imagem da criança	15
2.4 – O visual e o verbal	20
CAPÍTULO 3	24
3.1 – Sobre o autor	25
3.2 – Sobre o conto <i>The True Story of the 3 Little Pigs!</i>	28
3.3 – Análise à tradução para português do Brasil <i>A Verdadeira História dos Três Porquinhos!</i>	31
3.4 – Análise da tradução do conto para Português de Portugal.....	35
4 - CONCLUSÃO	43
Referências Bibliográficas	46
Anexos.....	1

1 - INTRODUÇÃO

O projeto que se apresenta a seguir parte dos objetivos propostos para a obtenção do grau de Mestre em Tradução e Interpretação Especializadas pelo ISCAP (Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto) e enquadra-se no âmbito da tradução literária, mais concretamente da tradução literária infantil.

Ao longo deste último ano escolar, comecei por traçar várias metas que me permitiram concretizar este projeto, dentro do prazo estabelecido. Porém, se por um lado a vontade de o realizar era muita, por outro posso afirmar com certeza que a motivação para o mesmo foi variando, dependendo dos problemas que ia encontrando no decorrer do mesmo.

Em agosto de 2018 principiei este projeto debruçando-me sobre a escolha do tema que viria a condicionar permanentemente o meu trabalho, querendo, por este motivo, delimitar as minhas opções para os conteúdos pragmáticos que gostei de estudar no decurso não só do Mestrado em si, mas também durante a Licenciatura em Assessoria e Tradução. Por isso, a tradução literária foi, sem dúvida, a minha primeira opção, devido ao meu gosto pela leitura, no geral, sempre presente na minha vida e pelo desafio adjacente que esta implicaria. No entanto, essa vertente é largamente extensa no que respeita ao seu conteúdo, precisando, por este motivo, de afunilar a experiência a um patamar mais específico. Foi neste trajeto que me ocorreu estudar sobre a tradução da literatura infantil.

Para além disso, outra das razões que me levaram à escolha deste tema foi a de considerar que a tradução a este nível, e em especial, o infantil, era muitas vezes vista pelos meus colegas de curso como sendo difícil, mas também menos importante a nível profissional. Anderman, Rogers e Newmark refletem sobre esta opinião, que parece ser geral, no seu livro *Word, text, translation: liber amicorum for Peter Newmark*, quando afirma: “For one thing, its very source material is considered of marginal interest and the professional activity, i.e., the translation carried out on this material, is, in itself, undervalued” (1999, 212). Eu, pelo contrário, sempre a considerei, ao mesmo tempo, desafiante e fascinante.

Por conseguinte, tendo descoberto ao acaso o livro *The True Story of the 3 Little Pigs!* de Jon Scieszka e Lane Smith, verifiquei no *website* da PORBASE¹, através de uma pesquisa avançada, que o conto não se encontrava em nenhuma das bibliotecas portuguesas, nem a sua tradução. Por outro lado, a pesquisa inicial que realizei no motor de pesquisa da *Google*² fez-me verificar que a tradução para português de Portugal não existia, chegando apenas à versão para português do Brasil pelo tradutor Pedro Maia. Desta forma, decidi,

¹<http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=G5587994V417R.19781&profile=porbase&menu=search&aspect=history&histedit=last> (visualizado no dia 10/08/2018)

² <https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&channel=crow&q=the+true+story+of+the+tree+little+pigs> (visualizado no dia 10/08/2019)

então, que o meu projeto iria apresentar uma possível tradução para este conto, que eu considero humorístico e diferente. Esta proposta de tradução seria, então, distinta da tradução para português do Brasil, tendo como objetivo um enquadramento mais positivo na sociedade portuguesa.

Em contrapartida, verifiquei ainda que a informação que tinha à disposição sobre literatura infantil e a sua tradução era pouca e repetitiva, o que, citando O'Sullivan no artigo relativo ao livro de Lathey, *The Role of Translators in Children's Literature: Invisible Storytellers*, poderia indicar que é um processo "so often taken for granted" (2013: 281).

Depois de uma análise e leitura intensiva da bibliografia que inicialmente encontrei, determinei, com a ajuda do meu orientador, os pontos essenciais que deveriam ser abordados neste projeto e que requeriam uma explicação mais pormenorizada ou uma atenção redobrada da minha parte. Começamos, desta forma, a definir o índice deste trabalho, que viria a contar com quatro capítulos.

O projeto foi dividido em quatro capítulos e oito subcapítulos para uma melhor visualização e leitura do mesmo. O primeiro capítulo é esta introdução, que reflete o início do projeto. O segundo, mais teórico, é caracterizado por ter um sentido lato e engloba aspetos mais generalizados sobre a tradução do género literário infantil, contendo quatro subcapítulos.

No primeiro subcapítulo enquadro o conceito de literatura infantil, tentando dar uma definição simples, mas específica deste género, sobre um ponto de vista tradutivo. Para além disso, é também importante perceber o que o torna diferente dos outros géneros literários, mas sobretudo salientar as características que o tornam tão complicado de contextualizar.

Seguidamente, no segundo subcapítulo, pretendo comentar sobre o papel do tradutor na tradução deste género, refletindo sobre os conhecimentos que o mesmo deve ter sobre o seu público-alvo, a sua cultura, a sua língua e, claro, os seus códigos e costumes.

Depois, no terceiro subcapítulo, abordo a temática do público para quem o tradutor está a traduzir, refletindo sobre os seus gostos, que poderão influenciar certas escolhas tradutivas. Por outro lado, também é essencial considerar que as crianças, genericamente consideradas como o público da literatura infantil, terão aprendizagens diferentes consoante a cultura onde se encontrem, sendo também um dos motivos que me poderá levar a concluir no final deste projeto que o texto de partida e de chegada são, certamente, muito diferentes a nível de valores que as crianças obterão com a sua leitura.

O quarto e último subcapítulo deste primeiro capítulo reflete ainda sobre uma das características predominantes da literatura infantil, isto é, a utilização de ilustrações que sustentem o apoio visual da leitura e a relação que existe entre o texto e a imagem que poderá também afetar as escolhas do tradutor.

Se, por um lado, considero o segundo capítulo mais teórico, o terceiro capítulo deste projeto será já mais prático, colocando ao dispor todos os conhecimentos abordados inicialmente de forma genérica, como suporte à proposta de tradução do conto de Jon Scieszka. Este terceiro capítulo também terá quatro subcapítulos, sendo o último sobre os comentários à proposta de tradução.

Desta forma, temos o primeiro subcapítulo. Este servirá de apresentação ao autor da história, de forma a entender o seu estilo de vida e o ambiente que o envolveu ao longo desta, para percebermos de que maneira isso poderá ter influenciado a sua escrita e o seu livro.

Por outro lado, o segundo subcapítulo pertence à apresentação do conto *The True Story of the 3 Little Pigs!*, verificando-se um resumo sintético da história e a popularidade da mesma no país de lançamento, os Estados Unidos da América.

Desta maneira, o terceiro subcapítulo irá abordar a tradução do livro para Português do Brasil, elaborada pelo tradutor Pedro Maia. Aqui pretendo analisar certos aspetos culturais, específicos do Brasil, que a tradução portuguesa não poderia ter, mas também os contrastes lexicais, gramaticais e não só, que possam atrair o olhar do leitor pela diferença cultural.

Por último, e como referido anteriormente, o quarto subcapítulo tem por objetivo esclarecer alguns aspetos da proposta de tradução, incluída nos Anexos deste trabalho, por razões linguísticas ou terminológicas envolvendo, sobretudo, a minha perspetiva e o meu raciocínio enquanto estudante de tradução.

A conclusão deste trabalho, o quarto capítulo, passará, essencialmente, pela verificação dos resultados, onde pretendo mostrar a dificuldade de traduzir um texto literário e, em particular, o infantil. Esta demonstração partirá não só de uma posição teórica, mas também num nível prático, apresentando a proposta de tradução para o conto *The True Story of the 3 Little Pigs!* de Jon Scieszka.

CAPÍTULO 2

2.1 – Sobre o conceito de Literatura Infantil

Antes de iniciarmos o processo de tradução e da exploração da imagem da literatura infantil, existe a necessidade de explicar alguns conceitos, de modo a enquadrar e contextualizar melhor o trabalho de investigação a desenvolver. Neste caso, irei começar pela definição de literatura infantil, para além de analisar as suas características e de determinar o que a distingue dos outros géneros literários.

Segundo Riita Oittinen (2002: 62), literatura infantil é considerada como sendo “anything the child reads or hears, anything from newspapers, series, TV shows, and radio presentations to what we call books”. Para os académicos, esta definição pode apresentar-se como incompleta porque, na verdade, literatura infantil representa muito mais do que apenas o conceito que Oittinen acredita ser a visão comum das pessoas.

Para começar, devemos verificar que nem toda a literatura infantil é dirigida apenas às crianças. Muitas das histórias que foram criadas têm por objetivo a sua leitura em voz alta, que poderá, naturalmente, ser feita por um adulto. Desta forma, o tradutor deve notar no momento da sua tradução no possível leitor da história, como também refere Oittinen (2002: 61), tendo em conta que a tradução para crianças “should rather be defined in terms of the readers of the translations” porque “children’s literature tends to be more directed toward its readers”.

De facto, na visão de Asiain, a literatura infantil pode ser o único género literário cuja dificuldade se encontra, inicialmente, na sua própria definição: “[it] may be seen as unique genre in that it is defined by its aims and intentions” (2016: 25 e 26). Assim, podemos dizer que a literatura infantil pode ser dirigida a adultos, quando o escritor tem em mente esse público, mas termina por ser mais popular entre crianças e jovens e vice-versa. Porém, também pode ser dirigido a ambos os públicos, como é o caso dos livros de J. K. Rowling, da série *Harry Potter* (Joosen, 2006). Desta forma, nas palavras de Peter Hunt, segundo Asiain e de acordo com Oittinen, esta “espécie de literatura” pode ser definida tendo em conta o leitor, em primeiro lugar.

Para além disso, um dos aspetos importantes da literatura infantil são as ilustrações. Os livros direcionados para as crianças, na maior parte das vezes, são ilustrados, criados especialmente para os mais iletrados (Oittinen, 2002). Assim, eles podem acompanhar a história mesmo que não saibam ler as suas palavras, tornando-se parte da experiência. Riita Oittinen, nas palavras de John Spink, refere que “[t]he idea of “readability” often involves the implicit idea of understanding the full meaning of the text” (2002: 32), ignorando outros fatores importantes como a qualidade do papel, do desenho e claro, das ilustrações.

Talvez estes sejam os aspetos que mais atraem as crianças de tenra idade para viver a experiência da literatura.

Por outro lado, também é possível que a ilustração e o texto escrito pelo autor do livro sejam contraditórios. A imagem pode mostrar uma situação e o texto descrever outra completamente diferente, apenas para conferir mais humor à história ou talvez apenas ironia. Como afirma Cademartori no seu livro *O que é literatura infantil*, “[q]uando isso ocorre, pode-se dizer que os textos visual e verbal do livro se relacionam ironicamente, um contradiz ou subverte o que diz o outro [...] para configurar uma situação narrativa em que a personagem diz uma coisa e sente outra” (2017: 13). Neste caso, é completamente intencional a disparidade da relação, pelo que o tradutor deve ter isso em mente aquando a tradução.

Desta maneira, e na minha opinião, é importante que o tradutor tenha consciência, ao traduzir, que as ilustrações acompanham a história e que, por isso, de uma forma ou de outra, devem estar unidas e de acordo entre si. Isto vai de encontro também com as palavras de Belén Cascallana, em *Translating Cultural Intertextuality in Children’s Literature*, que afirma ser um “desafio” conciliar a relação entre “pictures and the text, the visual and the verbal” (2006: 101). No caso do conto *The True Story of the 3 Little Pigs!* todas as partes escritas da história vêm acompanhadas pelas ilustrações de Lane Smith, sendo por esse motivo, uma das características que terei em conta.

Outro dos aspetos da literatura infantil é o som. Muitas vezes as histórias são lidas em voz alta pelos adultos, tal como referido anteriormente, pela falta de conhecimento da criança, por exemplo. Oittinen afirma que o texto “should live, roll, taste good on the reading adult’s tongue”, tendo sempre em consideração que a tradução deve ser feita de modo a realçar os sentimentos ou sentidos da história (2002: 31).

Desta forma, e conhecendo-se o poder da voz humana, o tradutor deve usar pontuação adequada à história, por exemplo, segundo as regras ortográficas em vigor, agradando não só os olhos do leitor, mas também os ouvidos dos mais graúdos (2002: 34). Para Oittinen, o tradutor deve contribuir de todas as formas possíveis para agradar ao leitor que lê em voz alta.

Por sua vez, é também muito habitual neste género literário a presença da comédia. Riita Oittinen refere esta particularidade como “laughter” ou “pantagruelism”, devido a um dos personagens de Rabelais, sendo “the ability to be happy, gay, and benevolent. It also extends to foolishness, even madness” (2002: 57). Esta característica evoca um estilo de escrita totalmente livre, típico na literatura infantil, com linguagem fora do comum, que

Oittinen, nas palavras de Chukovsky e Bakhtin, afirma ser desprendida de regras, sendo “life itself”.

Porém, precisamos de definir dois conceitos quando nos referimos ao humor na literatura infantil. Segundo Teresa Asiain, existem diferenças entre “humor” (humour) e “riso” (laughter). Segundo a autora e nas palavras de Cunninham, as crianças aprendem a rir “not only when they themselves experience arousing stimuli but also when they see others in similar situations.” Isto leva-nos a verificar que os bebés, por exemplo, “laugh as expression of pleasure” (2016: 132), mas esse riso não está associado ao humor. Este, por sua vez, está ligado a regras culturais e sociais de um lugar, sendo, portanto, muito diferente em todos os contextos culturais.

Além disto, a literatura infantil também se destaca pelo seu propósito. Muitas vezes é usada para educar e ensinar as crianças certos aspetos didáticos e culturais. Marcílio Queiroga e Lincoln Fernandes acreditam que este género, ao pertencer a dois sistemas diferentes, adotou de certa forma as características de um e de outro:

“By simultaneously belonging to two systems, the literary and educational systems are instilled with values, ideas and social, cultural and educational norms of a particular space and time and, for O’Sullivan (2013), they belong to the cultural practices whose main purpose is to socialize its target audience.” (2016: 73)

Assim, as crianças aprendem enquanto se encontram entretidas, praticamente sem darem conta de que estão a aprender.

No entanto, não foram apenas Queiroga e Fernandes que afirmaram a importância da literatura enquanto prática educacional. Também Bo Møhl e May Schack, segundo Oittinen, verificaram que as funções deste género literário deviam de ser “entertaining, didactic, informative, and therapeutic, and it should help the child grow and develop”. Mas não só, visto que a literatura deve, também, fortalecer os sentimentos da criança, como a empatia, levando-a a identificar-se com certos personagens, por exemplo. De acordo com as palavras de Oittinen, estas emoções podem até ser mais importantes que a própria história em si, onde a criança aprende a lidar com os sentimentos e a resolver os seus problemas (2002: 64). Desta forma, o tradutor deve ter em conta a emotividade por detrás da história que está a ser contada, mas também a sua moral, se a tiver, não podendo, na minha opinião, alterá-la.

Assim sendo, o que não podemos negar é que “children’s literature is as complex as adult literature” (Oittinen, 2002: 68). Na verdade, é um tema pouco afluído pelos académicos,

talvez até subvalorizado, sendo por isso considerado um “outsider” deste mundo, como reflete Peter Hunt:

“[I]t cannot be defined by textual characteristics either of style or content, and its primary audience, ‘the child reader’, is equally elusive. As an outsider to the academic world, it does not fit neatly into any of the established ‘subject’ categories and has been positively snubbed by some of them”. (Oittinen, 2002: 61)

O tradutor de literatura infantil tem, por isso, que ser consciente de todas estas questões, mas, sobretudo, deve ter em mente o seu público-alvo. Dependendo da sua análise e perspectiva sobre a mentalidade e capacidade de entendimento que as crianças podem ter numa determinada idade, a sua tradução deve refletir tanto as ideias do autor, como o conhecimento que o tradutor tem sobre a sua sociedade e a sua cultura, em que a criança, claro, se inclui, procedendo, se necessário, à adaptação do conteúdo para a cultura de chegada.

2.2 – O Tradutor e a Tradução

No subcapítulo anterior referi que o tradutor é também uma peça essencial na formação de uma história para crianças, não só porque está a criar uma versão da história original numa língua e cultura diferentes, mas também porque a sua opinião e percepção depende da sua ideia sobre a criança.

Assim, o tradutor tem de conhecer a sua cultura, a sua língua, os seus códigos. Mas, por outro lado, também tem de ter em atenção o seu público-alvo e estudá-lo, de forma a poder compreendê-lo. O’Sullivan afirma que o tradutor é o verdadeiro leitor do texto original, em primeiro lugar, porque o lê para o conhecer e depois para o estudar, de forma a criar “the target text in such a way that it can be understood by readers in the target culture with language, conventions, codes and references differing from those in the source culture” (2003: 200).

Porém, o tradutor precisa de muito mais do que aprender a distinguir as culturas e os seus códigos. O tradutor precisa de ser também, em si, um escritor, que tenha facilidade em criar novas perspetivas da história, sempre que isso se justificar. Oittinen afirma mesmo que eles devem saber criar histórias credíveis, que tenham a sua própria contribuição, mas também as dos “authors, illustrators and audiences. In other words, they should be able to recreate the idea of the book (as interpreted by the translator) in the target language” (2014: 35).

Assim sendo, a interpretação do texto original pode fazer com que o tradutor sinta a necessidade de criar alterações para a nova versão. Estas alterações têm de ir ao encontro da imagem que o tradutor tem do seu público, as crianças.

Por exemplo, se o tradutor considerar que as crianças devem aprender com o livro, pode utilizar um vocabulário mais erudito e complicado, o que por sua vez, não acontece se o tradutor achar que o intuito do livro é o de apenas entreter. Como tal, Queiroga e Fernandes, citando Alvstad (2016: 74), dizem que o texto pode ser manipulado de duas maneiras: “(i) simplifying it, in order to make it more accessible to the reader or (ii) increasing its lexical density, as a way to enrich the vocabulary of its readers”. Porém, isso nem sempre aconteceu. Segundo os autores, nas palavras de Shavit, era comum, em anos anteriores, acreditar que as crianças e jovens não eram capazes de ler textos muito longos, pelo que, nas adaptações dos clássicos, a linguagem era simplificada (2016: 74).

Em contrapartida, uma adaptação também pode ser feita de outras formas e não apenas através da simplificação ou complexificação do vocabulário. Oittinen fala-nos, por exemplo, em domesticação e estrangeirização: “In simple terms, while domestication assimilates texts to target linguistic and cultural values, in foreignization some significant

traces of the original text are retained” (2014: 42). A domesticação pode ter vários motivos: “because of political pressures, censorship or different moral values”. Pode ser, também, para diferentes grupos: “for children, cultures, minorities, political ideals, religious beliefs, and so on.” E tudo pode ser domesticado: “names, the setting, genres, historical events, cultural or religious rites and beliefs” (2014: 42 e 43). Torna-se, por isso, importante que o uso da domesticação seja feito de forma racional por parte do tradutor e em casos específicos.

Joosen, através das palavras de Shavit, diz-nos, igualmente, que estamos a adaptar um texto a partir do momento em que não existe um equivalente no nosso sistema cultural: “«If the model of the original text does not exist in the target system, the text is changed by deleting such elements in order to adjust it to the model which absorbs it in the target literature» (Shavit 1981: 172)” (Joosen, 2006: 62).

No entanto, a adaptação nem sempre é a opção escolhida pelos tradutores. Belén Cascallana, da Universidade de Chiswick, no Reino Unido, realizou um estudo comparativo entre textos de histórias infantis nos seus originais e nas traduções feitas para espanhol. Histórias como *Harry Potter and the Chamber of Secrets*, *Charlie and the Chocolate Factory*, *Matilda*, muito conhecidas pelo público mais graúdo, foram examinados chegando à conclusão que, na maior parte destes casos, as traduções não favoreciam nem a domesticação nem a estrangeirização. Porém, na maioria, ao ignorar fatores culturais e contextuais, o tradutor forçava a criança a perder uma parte da história:

“In some instances, translators do show a concern for the target readers' comprehension and their ability to enjoy the presence of cultural intertextuality but, on the whole, translation strategies involving minimal shifts continue to abound in the translation of children's literature, ignoring contextual and pragmatic considerations and therefore causing an alienation of the target reader through the presence of culture bumps.”
(Cascallana, 2006: 108)

De facto, existem vários tradutores que consideram que adaptar não é uma boa opção, por considerarem que é “denaturing and pedagogizing children’s literature”, como nos diz Oittinen no seu *Translating for Children* (2002: 74 e 75). Para além disso, consideram que a prática da tradução é a produção de igualdade, isto é, o produto traduzido tem de ser igual ao produto original, o que torna o conceito “adaptação” fácil de ser distinguido com o conceito de “tradução”. No entanto, para Oittinen, e tal como referido anteriormente, a tradução é um processo de reescrita do original, tendo em conta todos os fatores sociais e

também, onde a mesma será apresentada. Isto torna os dois conceitos mais próximos, sendo muito mais difícil de os distinguir (2000: 74 e 75).

Na minha opinião, à semelhança de Oittinen, na tradução literária existe a necessidade de, por vezes, adaptar a história original, especialmente na tradução literária infantil. As crianças que se encontram numa idade na qual se questionam sobre o que se passa à sua volta, em que querem aprender, tendem a entender melhor se o que tiverem lido estiver de acordo com a sua própria realidade. O mesmo acontece se o que for escrito for do conhecimento da criança, pelo que ouviu durante a sua curta vida (Alvstad, 2016: 22).

Inês Sim-Sim afirma que “é sempre mais fácil aprender a ler na nossa língua materna do que numa língua estrangeira” (2009: 8). Isto leva-nos a acreditar que, se durante uma leitura a criança se deparar com um estrangeirismo ou algo que desconhece, não irá conseguir captar toda a informação e poderá até perder o interesse pela própria leitura, porque “[l]er é compreender o que está escrito. A leitura é acima de tudo um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidades e de conhecimentos” (2009: 6).

Para além disto, a verdade é que muitas das construções criadas por um autor durante uma história são feitas de forma intencional e com um propósito, em princípio, pelo que a adaptação, se for o caso, deve refletir essa mesma construção premeditada. Pascua-Febles, no seu *Translating Cultural References*, diz-nos que, por essa mesma razão, “the original and the translation will both be hybrids, suspended between the spoken and the written medium” (2006: 115). No fim, a autora afirma mesmo que “all cultural, linguistic and semantic markers in the source text require a series of adaptations and the specific textual strategies implicit in the source text need to be renegotiated by the translator” (2006: 114).

Por outro lado, Alvstad, nas palavras de Riita Oittinen, afirma ainda que

“Adaptation and domestication are however not negative or positive as such, which translation strategy or strategies to choose depends rather on the translation project as a whole: whether e.g., readability is more important than a historical and/or foreign atmosphere has to do with the specific translation project, the translation situation and the translator’s image of children. (Oittinen, 2000: 91)” (2010: 22 e 23)

Neste caso, no terceiro capítulo deste projeto irei seguir um ponto de vista mais prático através da tradução do conto *The True Story of The 3 Little Pigs!*, tendo em conta os argumentos e pontos de vista referidos previamente.

2.3 – A imagem da criança

Quem traduz um texto de partida que se inclui neste género literário sabe que o texto de chegada não será o seu equivalente, por motivos culturais, por exemplo, que será certamente diferente da do autor da obra. Portanto torna-se crucial termos uma noção, ainda que incompleta ou de alto nível, relativa à aprendizagem e aos gostos de uma criança que nasce num ambiente cultural português, a quem a proposta de tradução está orientada. Para começar, o tradutor deve reconhecer que o fator central da tradução de literatura infantil é o seu público, verificando a sua ideologia, o seu conhecimento, que pode ser “naive or understanding, innocent or experienced” (Oittinen, 2014: 41). Com base nesta reflexão, o tradutor poderá direcionar a sua tradução a um público mais específico, tornando a história mais apelativa para eles, o que no caso do livro *The True Story of The 3 Little Pigs!*, serão as crianças com idade entre os 5 e os 8 anos³.

Também é importante perceber o que, na visão do tradutor, as crianças “can handle, what they find strange, what they like to read, what is important for their education, etc.”, como nos explica Van Coillie (2014: 132 e 133). Um dos motivos para as crianças perguntarem continuamente aos mais velhos sobre o que vêem ou ouvem é precisamente o curto período de tempo vivido por eles e, como tal, não sabem nem partilham o mesmo “world knowledge” que os seus relativos mais adultos (Oittinen, 2014: 41 e 42). Se a criança estiver continuamente a parar a sua leitura para perguntar sobre o significado de uma palavra, por exemplo, torna a leitura maçadora, no meu ponto de vista, e fará certamente com que a criança desista da história mais cedo.

Por esta razão, a clarificação de certos aspetos antes do início da tradução, ainda que de forma generalizada, deve ser feita com cuidado. Van Coillie afirma que, quando traduzimos este género literário, fazemo-lo com base em suposições, chegando até a traduzir terminologia ou conceitos que, para um adulto, teríamos deixado no seu original ou até de maneira diferente. Refiro-me, por exemplo, a “adapting the names” para facilitar a identificação dos personagens (2014: 137), mas não só.

A questão dos nomes pode ser complexa para o tradutor. Parece existir uma tendência neste género literário para a adaptação dos nomes próprios que trazem à história algum significado ou importância para a narrativa, para que a criança “can access their specific content”, como nos explica Pascua-Febles (2006: 116). Para além disso, os nomes podem conferir humor à história, “knowledge or evoking emotion”, segundo Van Coillie (2014: 123).

³ Segundo o website <https://www.booktrust.org.uk/book/t/the-true-story-of-the-three-little-pigs/> (visualizado no dia 19/03/19).

Por outro lado, podemos associar a estrangeirização do nome a algo que poderá ajudar a criança a ser mais aberta ao seu redor e ao mundo, no geral: “foreign names and other cultural information help children develop respect for other cultures; children will not be put off by foreign names if the book is exciting enough; and so on” (2014: 137). Porém, é preciso ter em conta que, se o nome original for complexo ou difícil de ler, pode não ter o mesmo efeito na tradução que no texto original, o que também é um risco (2014: 124).

Assim sendo, a reflexão sobre estes aspetos recai, sobretudo, no livro ou conto que traduzimos. Cademartori acredita que existem dois tipos de literatura infantil. No primeiro, “subverte-se o uso sistemático da língua, e o literário irrompe nesse espaço de escape das formas organizadas do mundo adulto. O sonho, a fantasia, o *nonsense* se instauram como subversão do mundo racional”. Aqui, as regras relativas ao espaço cultural onde a criança se insere não têm tanto peso.

No segundo tipo, os livros “refletem acentuada consideração por temas sociais, como as diferenças raciais, sexuais, de classe, de habilidades e outras.” Neste último, está claramente refletido os ideais convencionados pela população de forma geral, sendo uma “produção de adulto para criança”. Ficam, de facto, esclarecidos os ideais que os mais velhos acreditam ser dignos para os jovens, especialmente na forma de ver, ser e pensar sobre o mundo em si (2017: 12).

Van Coillie apresenta-nos um exemplo deste último tipo de literatura infantil. Ela refere que Mieke Desmedt observou, numa tradução francesa de *The Secret Diary of Adrian Mole Aged 13 ¾*, algumas referências a certos aspetos religiosos ou com conotações sexuais que tinham sido substituídos ou simplesmente retirados (2014: 133), talvez porque o tradutor considerou esses aspetos como *taboos* na sua sociedade e como tal, não deviam estar refletidos numa história infantojuvenil. Os mesmos são um problema para o tradutor porque não existe, a meu ver, uma solução que seja adequada. É difícil perceber realmente até que ponto a adaptação não se está a tornar numa reescrita do texto.

Efetivamente, é esse o problema que Øster refere no seu artigo *Hans Christian Andersen's Fairy Tales in Translation*:

“In a 1944 American translation of “Den lille pige med svovlstikkeme” (The Little Match Girl, 1846) the ending was changed and the little girl does not die. Instead, an elderly lady takes her in and brings her up as her own grandchild. [...] Note that this translation is not a rewrite: the title page states “by Hans Christian Andersen” and does not mention the translator's name. It is also interesting to note that New Year's Eve was changed to Christmas Eve. The probable explanation is that the elderly

lady sees the little girl as a Christmas present ("This is a happy Christmas Eve, for it has brought me a grandchild"). Considering the original version perhaps too harsh or too sad for a child reader, the translator chose an alternative ending, a happy ending. [...]” (2014: 150 e 151)

De facto, Lathey afirma que o conceito de infância está sempre em contínua mudança, sendo um “volatile concept”, porque são os adultos que definem os limites e posições aceitáveis para as crianças (2010: 6) e, talvez mais concretamente, os mesmos são diferentes para rapazes e raparigas. Asiain refere, nas palavras de Segal, que os livros mais orientados a rapazes, no seu geral, mostravam “humorous poor spelling, visual cartoon-like action, action-oriented humour, character wit, and knowing narration, as well as the comic grotesque and amusement at the scatological”. Por outro lado, os livros mais orientados para raparigas geralmente tinham um propósito educacional e didático (2016: 136).

Por conseguinte, em Portugal também é praticável esta diferença a nível da leitura infantil. Os livros que se encaixam neste género literário são, maioritariamente, lidos por raparigas, enquanto que os rapazes optam pela leitura de banda desenhada (Neves, 2015:135).

Para além disso, o desenvolvimento pelo gosto da leitura durante a infância também se verifica ser mais acentuado no género feminino, representado os 74%, contra os 55% no

Gosto pela leitura na infância por Sexo, Grau de escolaridade, Categoria socioprofissional e Capital escolar familiar
(percentagem em linha)

	Gosto pela leitura na infância		Número
	Sim, gostava	Não, não gostava	
Total	65,0	35,0	2.519
Sexo			
Feminino	73,9	26,1	1.320
Masculino	55,2	44,8	1.199
Grau de escolaridade			
Até 2º Ciclo do Ensino Básico	57,7	42,3	1.162
3º Ciclo do Ensino Básico	67,3	32,7	456
Ensino Secundário	70,1	29,9	626
Ensino Médio ou Superior	80,4	19,6	275
Categoria socioprofissional *			
EDL	61,2	38,8	348
PTE	75,8	24,2	252
TI	44,3	55,7	61
O	53,6	46,4	571
EE	69,9	30,1	898
Capital escolar familiar **			
Consolidado	86,5	13,5	52
Recente	77,9	22,1	181
Precário	62,6	37,4	1.952
Não classificável	65,2	34,8	69

Base: inquiridos que aprenderam a ler antes dos 14 anos (n = 2.519).

Nota: i) Qui-quadrado estatisticamente significativo para todos os cruzamentos ($p < 0,000$).

* Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos que exercem actualmente, ou já exerceram, uma actividade profissional (85% dos casos em análise).

** Os dados relativos a este indicador dizem apenas respeito àqueles inquiridos a quem foi possível determinar o Capital escolar familiar (89% dos casos em análise).

Legenda: EDL, Empresários, Dirigentes e Profissões Liberais; PTE, Profissionais Técnicos de Enquadramento; TI, Trabalhadores Independentes; O, Operários; EE, Empregados Executantes.

Tabela 1- Gosto pela leitura na infância

género masculino (Santos *et al.*, 2007: 69), como é possível verificar na tabela 1.

Assim, o quarto subcapítulo do terceiro capítulo deste projeto irá realçar todas as características que foram referidas, tendo em conta o público em questão. Neste caso, o livro foi orientado, do ponto de vista do tradutor, para ser lido por jovens rapazes, maioritariamente, entre os 5 e os 8 anos.

2.4 – O visual e o verbal

A literatura infantil caracteriza-se pelo uso de imagens e ilustrações que acompanham a história e facilitam a leitura para as crianças, sendo parte importante deste género, utilizado na maior parte dos casos. Por esta razão, considero que a abordagem deste tema durante o trabalho é inevitável.

Cademartori afirma que o uso das ilustrações nos livros foram uma das transformações mais marcantes dos últimos anos a este nível, tornando o leitor mais atento à página onde as palavras e as imagens se dividem pelo espaço (2017: 12). No entanto, as ilustrações começaram a ser utilizadas em livros para crianças por volta de 1650, numa enciclopédia ilustrada criada por Comenius, cujo objetivo era “aliviar o tédio” que as crianças sentiam quando estudavam Latim. O próprio autor da enciclopédia referia que “[p]ara as crianças, as imagens são a forma mais fácil de assimilação do aprendizado” (Porto, 2012: 26).

Porém, hoje em dia, é verificável a utilização das ilustrações neste género com vários objetivos diferentes. Segundo Oittinen e nas palavras de Uri Shulevitz, “it is the “task” of the illustrations in a picture book to tell a story different from the story told by the author: the pictures [...] are more than a repetition of what is said in words” (2002: 106). Por outras palavras, podemos considerar as ilustrações de duas formas diferentes: na primeira, as ilustrações estão de acordo com o texto e as traduções; em contrapartida, na segunda, as ilustrações são por si só, uma forma de tradução (2002: 75).

Por este motivo, os tradutores precisam de desenvolver uma competência para a leitura deste género literário, tanto a nível verbal como visual. Asiain refere que, apesar do ditado dizer que “uma imagem vale mais do que mil palavras”, por vezes, dependendo do contexto cultural em que nos encontramos, não é verdade. Se a mesma tiver “typographical elements – street signs, advertisements, shops, newspapers and magazines, television channels’ logos, etc.” são normalmente um problema no momento da tradução, tendo em conta as discrepâncias culturais entre o texto de partida e o de chegada (2016: 224)

Por outro lado, o tradutor também precisa de ter em conta pequenos detalhes, como o tamanho e a formatação das letras e a cor das ilustrações. Witter e Ramos no seu *Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil*, afirmam que as “cores determinam efeitos psicológicos sobre as pessoas expostas a elas”, contribuindo, então, “para a construção das marcas, identidades, expressões e atitudes [de cada pessoa], com seu significado determinado pela cultura (Jackson, 1994)” (2008: 39).

Um exemplo destes efeitos está associado às cores utilizadas em diversas situações que enfrentamos durante a vida, como o perigo ou a morte, que segundo um estudo elaborado por Ferreira, Melo, Carvalho e Leite (2000) dependem de diversos aspetos a nível

geográfico, cultural e de idade. Assim, no caso do tema da morte, a cor utilizada está dependente da cultura onde nos encontramos.

No ocidente, por exemplo, a cor usada para expressar o luto sobre a morte é o preto, enquanto que no oriente, é o branco. No ocidente o branco é associado à pureza e à alegria, como num casamento, onde o vestido da noiva geralmente é branco, enquanto que no oriente, o convencional associado a estes sentimentos é o vermelho (sendo essa também a cor dos vestidos de casamento, regra geral). O mesmo efeito e disparidade acontece com as crianças mais jovens que, frequentemente, são mais atraídas pelas cores vivas, que podem ser vistas nos seus brinquedos, inclusive (2008: 38 e 39).

Assim sendo, e de acordo com Riita Oittinen, os tradutores devem “again choose and decide whether to concentrate more on the future readers of the text or on the rhythm or words and pictures”, sendo que “every detail is part of the whole” e o tradutor “should be aware of the importance of the visual effect” (2002: 102).

No entanto, também é preciso ter em conta que mudanças, em qualquer aspeto relativo às imagens, vão trazer custos e complicações para a editora dos livros. Segundo Asiain, muitas vezes essa solução não é possível concretizar-se, pelo que o tradutor “has to come up with his/her own most descriptive translation and try not to ruin the cleverness or smoothness of the pun or the idiom of the source text very much” (2016: 230). Para além disso, o texto torna-se menos engraçado e mais complexo:

“These examples of intervisuality show how the impossibility of replacing pictures is going to have an impact in the perception of the text as less humorous and complex in the target text. Visual jokes aimed to an adult audience are again lost in translation, as happens with intertextual references, because of the lack of cultural equivalents. Of course, there is nothing a translator can do to fill this gap between text, pictures and meaning, as he/she has usually no mean of editing the pictures or format.” (Asiain, 2016: 244)

Por outro lado, também é importante perceber que, por vezes, as ilustrações contêm palavras ou frases que estão ligadas ao que está escrito no texto. Estas “brincadeiras” relacionam a história a nível verbal e visual. A autora refere que torna-se quase “impossible, unless the same link can be made in the target language, to keep the source text picture and still expect the connection to be available” (2016: 226).

Na minha opinião, o tradutor deve sempre ter em conta a relação que existe entre as palavras e as imagens e respeitá-la, tendo em conta que não é aconselhável sobrepor-se à vontade que o autor e o ilustrador tiveram durante a criação do conto. Isto vai de encontro

às palavras de Oittinen, no seu *From Thumbelina to Winnie-the-Pooh: Pictures, Words, and Sounds in Translation*:

“In translating illustrated texts, such as picturebooks and films, the information coming from many different sources makes it easier for the translator to understand and interpret the story. Yet the abundance of information may cause problems by tempting the translator to fill in the information gaps for the reader.” (2008: 86)

Por este motivo, a minha proposta de tradução do conto *The True Story of The 3 Little Pigs!* vai incidir também nas ilustrações. Não irei alterar as imagens criadas por Lane Smith porque, como nos diz Cademartori, “o ilustrador é igualmente um narrador” (2016: 13) e as imagens acompanham o decorrer da história. Terei, porém, de alterar alguns dos seus componentes, sobretudo para adequá-las à língua portuguesa. Para isso, irei utilizar uma ferramenta de edição de imagens, o Adobe Photoshop.

CAPÍTULO 3

3.1 – Sobre o autor

Jon Scieszka nasceu em 1954, no dia 8 de setembro, em Michigan, nos Estados Unidos da América. É o segundo filho mais velho, de seis irmãos, de Louis Scieszka, um antigo diretor da escola primária *Freeman Elementary* dos EUA.

Ao ter cinco irmãos, Scieszka rapidamente aprendeu a “sobreviver” na sua própria casa, usando o humor. Ele conta na sua entrevista ao *website Reading Rockets* que para conseguir comer mais, ele usava uma técnica: “[I] crack up the family, make everybody laugh, and while they were laughing, I could make a grab for some more chicken”.⁴

Scieszka estudou na *Columbia University*, fazendo um *Master of Fine Arts* em literatura de ficção, em 1980. Foi nessa altura que também se mudou para Nova Iorque, onde começou a escrever.

Logo após a sua formação, Jon Scieszka candidatou-se à posição de professor, numa escola primária de Nova Iorque. Esta abertura para o mundo das crianças enquanto professor, que ele considerou ser uma reviravolta importante na sua vida, deu possibilidade a Scieszka de entender as diferenças a nível educacional entre as raparigas e os rapazes, especialmente quando se trata de leitura. Ele era um homem num mundo dominado maioritariamente por mulheres, contrariamente ao que tinha vivido até ali, o que lhe ajudou a entender as dificuldades que os jovens rapazes tinham num ambiente escolar. Desta forma, conseguiu tornar-se no que a revista *BookPage* chama de “role model for boys”.⁵

Ao ensinar às crianças, Jon afirma que voltou a descobrir como elas eram inteligentes, mas sobretudo, como eram a melhor audiência para as suas histórias engraçadas⁶. Scieszka foi capaz de entender que as raparigas preferem ler sobre mundos de ficção e de encantar, enquanto que os rapazes preferem ler humor, banda desenhada, ficção científica, no seu geral.

Foi então que decidiu enviar para várias editoras as suas histórias, tendo, no entanto, sido rejeitado por todas elas.

Através da sua esposa, Jeri, conheceu Lane Smith, um ilustrador de livros, com quem desenvolveu uma boa relação profissional e pessoal. Nessa altura, Smith trabalhava na ilustração do seu primeiro livro para crianças, mas sem sucesso para as conseguir vender, pois todas as editoras classificaram as suas ilustrações como estranhas. Scieszka, no entanto, deu a sua história, “*A. Wolf’s Tale*”, a Smith, para que fizesse o primeiro esboço do lobo: “He did the first painting of the wolf, and I just thought, “Oh! That’s what he

⁴ <http://www.readingrockets.org/books/interviews/scieszka/transcript> (visualizado no dia 22/05/2019)

⁵ <https://bookpage.com/interviews/8302-jon-scieszka-childrens> (visualizado no dia 03/06/2019)

⁶ http://www.jsworldwide.com/just_the_facts.html (visualizado no dia 11/05/2019)

would look like. This will be perfect.””, comentou na sua entrevista ao *website Reading Rockets*.

Apesar dos esforços e dos desenhos de Lane Smith, Jon Scieszka continuava sem conseguir publicar a sua história, sendo continuamente rejeitado. Foi então que ambos conheceram Regina Hayes, em 1989, uma editora da *Viking Books*, que publicou o livro. Porém, foi decidido que a história deveria de ter outro nome, passando a ser *The True Story of the 3 Little Pigs!*.

Depois da publicação e do grande sucesso à volta do livro, Scieszka decide fundar o *website Guys Read* em 2001. Trata-se de um programa literário *online* cuja missão é ajudar a aumentar a motivação para a leitura nos jovens rapazes. Conta com a participação de vários autores de histórias infantis, como Neil Gaiman, Dav Pilkey, Avi e Christopher Paolini, entre outros. O *website*, sem fins lucrativos, inclui uma longa lista de livros e contos curtos e fáceis de ler, para que as crianças encontrem um autor que gostem, que os motive a ler mais histórias. Por outro lado, o *website* também tem instruções específicas para quem quiser começar um clube do livro ou um blog, por exemplo.

Em 2008, Jon tornou-se no primeiro Embaixador Nacional da Literatura Infantil e Juvenil (National Ambassador for Young People's Literature), pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América. Este cargo com a duração de dois anos, deu a oportunidade a Scieszka de alertar a sociedade para a importância da leitura desde tenra idade.

Dos incontáveis prémios que já recebeu destacam-se o de melhor livro do ano, em 1989, pelo *The New York Times Book Review*, pelo *The True Story of The 3 Little Pigs!*; melhor livro do ano em 1992, pelo *School Library Journal*, devido ao seu *The Stinky Cheese Man and Other Fairly Stupid Tales*; melhor livro infantil, em 1995, pelo *Publishers Weekly*, por *Math Curse*; o top 100 de livros infantis, pela *National Education Association*, em 1999, com *The True Story of The 3 Little Pigs!*; livro *Bestseller*, pelo *The New York Times Book Review*, em 2009, com o *Robot Zot*; entre muitos outros.

Scieszka é também autor de *The Time Warp Trio*, cujas publicações começaram em 1991, tendo a série sido adaptada para televisão em 2005.

A história *The True Story of The 3 Little Pigs!* vendeu mais de três milhões de cópias, tendo também sido traduzida para 14 línguas diferentes.

3.2 – Sobre o conto *The True Story of the 3 Little Pigs!*

O conto *The True Story of The 3 Little Pigs!* foi publicado pela primeira vez pela editora Viking Books em 1989 e ficou conhecida por ser uma paródia do conto *The Story of the Three Little Pigs*, a versão tradicional apresentada pelo australiano Joseph Jacobs em 1853. Jon Scieszka criou esta história para mostrar o outro lado, isto é, a versão dos acontecimentos por parte do Lobo.

Nesta versão, o Lobo encontra-se inicialmente a refletir sobre as ocorrências, explicando a quem está a ler que ele não teve culpa do sucedido e que, no fundo, foi tudo um mal-entendido. Como num *flashback*, ele conta-nos que estava a preparar um bolo de aniversário para a sua querida avozinha quando ficou sem açúcar. Porém, o Lobo também estava muito constipado, estando sempre a espirrar.

Como não queria deixar de fazer o bolo para a sua avozinha, decidiu sair de casa para perguntar aos seus vizinhos se lhe podiam dar um bocadinho de açúcar. O primeiro vizinho era um porquinho, que não parecia ser muito inteligente porque tinha construído a sua casa de palha. Mal bateu à porta, esta caiu. No entanto, sendo bem-educado, o Lobo perguntou se estava alguém em casa, não obtendo respostas. Por conta da sua constipação, ele espirrou, fazendo com que toda a casa de palha voasse e um porquinho, morto, aparecesse no meio da confusão. Não querendo que aquela comida se estragasse e devido também à sua constipação, o Lobo comeu o Primeiro Porquinho.

Logo de seguida, foi à casa do seu segundo vizinho, que também era um porquinho. Este porquinho era irmão do anterior e parecia ser ligeiramente mais inteligente do que ele, pois tinha construído a sua casa com madeira. No entanto, quando o Lobo lhe tentou pedir um bocadinho de açúcar, o porquinho negou-lhe, nem sequer tendo aberto a porta. Foi nesse momento que o Lobo sentiu novamente outro espirro a chegar, levando a casa de madeira juntamente com ele. Quando a poeira assentou, o Lobo viu o Segundo Porquinho morto no chão, por isso, não teve mais remédio do que comê-lo, para que não se estragasse.

Depois da confusão ter terminado, o Lobo, que já se sentia muito melhor da constipação, dirigiu-se à casa do último vizinho, que também era um porquinho, irmão dos anteriores. Este porquinho era muito rude, tendo até insultado a avozinha do Lobo, por isso, por honra e orgulho da avó, o Lobo, desta vez, tentou deitar a casa dele abaixo. Foi então que a polícia chegou, mas não acreditaram nas palavras do Lobo. Nem os jornalistas. Quando ele aparece para terminar a sua história dizendo que foi tramado, vemos que se encontra na prisão, mas que, no entanto, nós, os leitores, ainda lhe podemos ajudar a fazer o bolo de aniversário para a avó, dando-lhe apenas um bocadinho de açúcar.

As críticas ao livro foram muito positivas, tendo sido escolhido para estar no top 100 em várias categorias, como “Teacher’s Top 100 Books for Children”, em 2007, pela *National Education Association* ou “Top 100 Picture Books” pela *School Library Journal*, em 2012. Para além disso, a 22 de abril de 2019, o *website Forbes* relembrou o conto, num artigo de Fernando Alfonso III, 30 anos depois da sua primeira publicação, considerando que existem duas páginas que mostram “comedic brilliance”. Uma delas é a ilustração onde aparece um jornal do “The Daily Pig” com o título “Big Bad Wolf”, que pode ser visualizada na página 25 dos Anexos, e a outra é aquela em que o Lobo nos conta que foi tramado “for the death of two pigs by news reporters who «jazzed up the story with all of that ‘huff and puff and blow your house down’»”⁷, que pode ser vista na página 26 dos Anexos.⁸

O conto foi também levado ao teatro, em 2017, como musical, para o Rose Theater, em Londres, Inglaterra. A adaptação do mesmo e a criação da letra para as músicas teve a autoria de Robert Kauzlaric e a música foi criada por Paul Gilvary e William Rush, sob a direção de Kevin Ehrhart. Este musical foi também classificado como “one of the best children’s shows of the year” pelo *The New York Times*.

⁷ <https://www.forbes.com/sites/fernandoalfonso/2019/04/22/revisiting-the-childhood-classic-the-true-story-of-the-3-little-pigs-30-years-later/#713479dd5b4f> (visualizado no dia 11/05/2019)

⁸ De caráter mais informal, Scieszka também é várias vezes referido no *website Reddit* (uma plataforma onde as pessoas podem comentar sobre praticamente tudo), especialmente na categoria “Nostalgia”. Um dos comentários que podemos ler, de alguém com o *nickname* “disdoombug32” refere “I remember the day we got the 3 little Pigs in our school library. Our librarian read it to us and after she was done I never got up so fast to grab it to take it home as my pick that week. I absolutely loved it” e outro, sob o *nickname* “bluemagnolia79”, diz “Loved reading them [*The True Story of the 3 Little Pigs* e *The Stinky Cheese Man*, outro dos livros do autor] as a kid! Read both these stories to my children and now my grandchildren.” https://www.reddit.com/r/nostalgia/comments/bdutzp/the_true_story_of_the_3_little_pigs_by_jon/ (visualizado no dia 11/05/2019).

3.3 – Análise à tradução para português do Brasil *A Verdadeira História dos Três Porquinhos!*

O conto de Jon Scieszka foi traduzido para mais de 14 línguas, como referido no primeiro subcapítulo deste terceiro capítulo, sendo uma delas o português, na norma brasileira. O conto foi traduzido pelo tradutor Pedro Soares Maia e publicado pela editora Companhia das Letras.

A primeira vez que li o conto traduzido foi em agosto de 2018, de forma a poder conhecê-lo. Sei que esta versão não me influenciou no momento de realizar a minha tradução porque, em primeiro lugar, houve um espaço de tempo diferenciado entre a leitura do conto traduzido por Maia e o início da minha tradução, que apenas começou em outubro de 2018, e em segundo lugar, porque no decorrer deste projeto foram poucas as vezes em que senti a necessidade de verificar as opções tradutivas de Maia, por inércia ou incapacidade da minha parte.

Desta forma, posso também fazer uma análise retrospectiva assente na tradução para a norma brasileira. Isto não quer dizer que considero que existam segmentos com uma tradução errada, mas sim existem alguns que não seriam adaptados da mesma forma se considerarmos um público português, isto é, com ensinamentos linguísticos e culturais próprios da sociedade portuguesa, na minha opinião.

Esta vai de encontro às palavras de Mateus, que afirma, ainda, que a “atividade linguística de cada indivíduo contribui poderosamente para se reconhecer a si próprio e para ser reconhecido pelo outro”. Desta maneira, os falantes da língua portuguesa de Portugal devem poder reconhecer todos os aspetos linguísticos que são característicos da nossa cultura, por ser apresentado como um “fator de identificação cultural”, na leitura de um livro. Isto acontece porque a “atividade linguística” “faz [um] indivíduo” “no uso, e pelo uso, [...] e não apenas por pertencer a uma das várias comunidades que a utilizam como materna” (2001: 19).

Assim sendo, devo referir que a tradução contém alguns estrangeirismos, como é o caso de “cheeseburgers”, por exemplo (Scieszka, 2005: 3), mas é mais caracterizado pelo uso de expressões tipicamente utilizadas pelo povo brasileiro, como “mortinho da silva” (2005: 15) ou “um grande cheeseburger dando sopa” (2005: 16). Estas formas não são frequentes em Portugal, apesar da proximidade das línguas. Wittmann, Pêgo e Santos (1995) referem que certas questões linguísticas, como as diferenças relativas às preferências de uma cultura pela utilização de certas expressões, em vez de outras, podem ser tão importantes como as questões simples de gramaticalidade (ou a incoerência nesse nível). Por este motivo e nas palavras de Jakobson, “languages differ essentially in what they must convey and not in what they may convey” (1995: 6).

Por outro lado, considero que a tradução não foi iniciada da mesma forma intimista que o original de Scieszka, perdendo talvez um pouco a transmissão da confiança que o autor pretendia passar ao leitor. “Mas, eu vou contar um segredo” (2005: 1) pode levar a pensar que não é um verdadeiro “segredo”, porque o Lobo está a contá-lo para toda a gente, por ter usado uma forma tão generalizada e pouco espontânea. Para além disso, o jogo de palavras que o autor criou com o nome do Lobo “Alexander T. Wolf” (2009: 2) também se perdeu na tradução de Maia, que decidiu não substituir o “T” por outra letra, de forma a manter o humor inicial do livro.

Em contrapartida, estas opções podem dever-se ao facto de a editora não querer despendir muito dinheiro na tradução e na impressão do livro, visto que notei, por exemplo, que nos textos que iniciavam com letras capitulares, a tradução tinha sido adaptada para que as mesmas não tivessem de ser alteradas, tornando o livro mais económico para a editora. Esta escolha pode, no entanto, ter feito com que a tradução perdesse um pouco a qualidade, sendo também este o motivo pelo qual eu fiz questão de as adaptar.

Se por um lado, o objetivo deste projeto não é analisar exaustivamente todos os detalhes da tradução de Pedro Soares Maia, por outro tenho de referir, ainda, que, apesar de me distanciar sempre que possível desta adaptação, existiram duas situações em que considerei ser necessário recorrer à mesma, como comparação com a minha versão. Foram o caso dos segmentos “Go away wolf. You can’t come in. I’m shaving the hairs on my chinny chin chin” (2009: 17) e, na imagem da página 28 (2009), “Pig penn”, cujas explicações da minha tradução poderão ver mais detalhadamente no próximo subcapítulo.

A dúvida que surgiu com o primeiro segmento esteve relacionada com o conto de Jacobs, *The Story of the Three Little Pigs*, que influenciou o conto de Scieszka, e onde pude verificar um segmento parecido, repetido várias vezes ao longo da história: “No, no, by the hair of my chinny chin chin” (2013: 4). Porém, a minha tradução não é coincidente com a de Pedro Maia (“Estou fazendo a barba das minhas bochechas rechonchudas”, 2005: 17), porque o objetivo não foi realizar uma depuração a nível cultural dos aspetos linguísticos identificativos nessa tradução, mas sim concretizar uma nova tradução. O mesmo aconteceu no segundo segmento, onde a dúvida surgiu no momento da sua tradução, porque na imagem, “Penn” parece ter continuação, embora não tenho conhecimento do que significa. Ao verificar a tradução de Maia reparei que na primeira edição ele tinha colocado “Partes de porco”, tendo isso mudado na segunda edição para “Prisão”. Nestes momentos, baseei-me nas opções de forma a conseguir aperfeiçoar a minha versão, que ficaram “Estou a tirar uns pelos do meu queixo para ele brilhar!” e “Prisão dos porcos”. A

proposta de tradução encontra-se disponível para visualização nos Anexos, nas páginas 16 e 27, respetivamente.

Esta ação permitiu-me refletir se a preferência do tradutor brasileiro, que traduz com o seu público-alvo na sua mente, se enquadraria no meu público-alvo, definido previamente. Indo de encontro às palavras das autoras Wittmann et *al.*, as traduções para duas vertentes próximas refletem muitas diferenças que são “fundamentadas apenas na frequência de uso e não na possibilidade/impossibilidade de uso de palavras e construções” (1995: 7 e 8), como acontece precisamente neste caso.

Em contrapartida, a decisão de optar pela tradução partindo do original de Jon Scieszka, em vez de efetuar uma adaptação cultural do conto com a tradução de Maia, deveu-se, em particular, à qualidade que eu queria que a tradução tivesse. Como referi no início deste trabalho, um dos objetivos que me propus a obter com a sua realização foi o de elevar o crédito na tradução do género literário infantil, muitas vezes dado como menos importante. Para atingir esse ponto, acredito que a qualidade da tradução tenha de ser alta, porque apenas dessa forma poderia demonstrar a dificuldade original que um tradutor tem, neste tipo de situações. No entanto, concordo que a depuração do conteúdo cultural da tradução seja mais atraente a nível económico, porque o custo não pode ser equiparado a uma nova tradução, tendo em conta que se parte de uma base já traduzida anteriormente.

Em contrapartida, é preciso ter em conta também que o esforço para obter um grau de qualidade e aceitabilidade por parte do público, nesta adaptação, seria igual, senão mesmo superior: “os investigadores envolvidos são unânimes em declarar que a complexidade do processo é qualitativamente a mesma, envolvendo apenas um esforço muito menor de um ponto de vista quantitativo (cf. Bémová et al. (1988), Santos e Engh (1992))” (Wittman et *al.*, 1995: 5).

Assim, a minha proposta de tradução incidirá, essencialmente, na base da qualidade, não só a nível linguístico, mas também figurativo devido às imagens traduzidas. Essa foi a opção que inicialmente fiz, ao traçar, juntamente com o meu orientador, as linhas diretivas que me ajudariam a compor este trabalho.

3.4 – Análise da tradução do conto para Português de Portugal

Ao longo da tradução do conto de Jon Scieszka surgiram várias questões e dificuldades, tanto por motivos linguísticos e gramaticais ou terminológicos e de vocabulário, e merecem, portanto, uma reflexão mais exaustiva das mesmas.

Vou, então, começar primeiramente pelo texto. O estilo de escrita de Jon Scieszka é muito direto e ideal para crianças de tenra idade. É caracterizado por um estilo de leitura fácil, que a torna menos aborrecida, porém, contém também uma ligeira ironia, que a faz mais divertida, na minha opinião.

O narrador da história é o Lobo, que, de uma forma intimista, começa por contar a sua versão ao leitor do que aconteceu no dia em que as casas dos porquinhos foram abaixo. Por este motivo, a utilização de pronomes como “tu” ou a simples utilização dos complementos verbais ou dos pronomes oblíquos (“-te”, por exemplo) traz precisamente o efeito de intimidade, que o texto original carrega ao longo da história.

Podemos verificar este caso logo no início, por exemplo: “But I’ll let you in on a little secret” (pág. 3 dos Anexos) ou “You can call me Al” (pág. 4 dos Anexos). “I’ll let you in” que eu traduzi como “deixa-me contar-te” demonstra a intimidade e a confiança que o narrador, o Lobo, quer mostrar ao leitor. Por outro lado, outro dos exemplos desta situação, que podemos ver na página 9 dos Anexos, é a frase “Can you believe it?” com a minha tradução “Consegues imaginar?”. Esta pergunta retórica tem o mesmo objetivo que o exemplo referido anteriormente, ligando uma vez mais o leitor ao conto.

Em contrapartida, também existe necessidade de salientar a dificuldade inerente à tradução do próprio nome do Lobo. “Alexander T. Wolf” ou também conhecido por “A. Wolf” são jogos de palavras que o autor criou para conferir humor à história. Bélen Cascallana refere que do ponto de vista do tradutor, “wordplay represents one of the most difficult aspects of cultural intertextuality” e que tal implica uma modificação, ainda que seja a nível “lexical, grammatical or situational” (2006: 106).

Por este motivo, a minha tradução manteve o nome Alexandre, adaptando-o apenas para não soar estranho ao leitor, mas traduzindo “Wolf” para “Lobo”, para que a personagem seja de fácil reconhecimento tanto ao animal, como às inúmeras histórias e contos populares que incluem a mesma figura. Porém, de forma a conservar o jogo de palavras e o mesmo humor, o “T.” (não refere em nenhuma parte o que significa esta letra) tornou-se “O.”, ficando “Alexandre O. Lobo” ou “O. Lobo”. A minha tradução tenta adaptar o humor que acredito que tenha sido intencional por parte do autor da história.

Para além disso, também é recorrente durante o conto o recurso às referências a outros contos infantis, especialmente os populares ou os recontados pelos Irmãos Grimm.

Podemos verificar estas referências, por exemplo, logo na página 4 dos Anexos. O Lobo conta-nos que a culpa da espécie comer animais fofinhos não é dele, visto que é algo natural. Esses animais fofinhos, como são considerados, são “bunnies and sheep and pigs”, cuja tradução optei por “coelhinhos ou cabritinhos e porquinhos”, mantendo na mesma a enumeração, mas fazendo uma associação mais completa aos contos infantis com a mesma personagem.⁹

Por outro lado, é frequente utilizar-se os sufixos “-inho/a” na literatura infantil, pois mostra sentimentos enfáticos, como a ternura, o carinho e a delicadeza (Souza, 2014: 226). Por esse motivo, optei por também acrescentar esses sufixos aos animais, realçando a ideia intencional de que eles são fofos aos olhos de todos e que, portanto, é fácil acreditar que o Lobo é culpado de todas as acusações se não souberem a versão dele.

Da mesma forma, outro dos exemplos da aproximação aos contos populares verifica-se na página 8 dos Anexos, no segmento “Once upon a time time”. “Once upon a time” é frequentemente traduzido como “Era uma Vez”, como podemos ver, por exemplo, no conto de Charles Perrault *Little Red Riding Hood*, que começa com “Once upon a time there lived in a certain village a little country girl, the prettiest creature who was ever seen”, e na tradução do *Capuchinho Vermelho*, que apesar das muitas diferenças, dependendo das edições, é apresentada da seguinte maneira: “Era uma vez uma jovem aldeã, a mais bonita que fosse dado ver”¹⁰. Por esse motivo, a minha tradução para o segmento foi “Há muitos anos, no tempo do Era Uma Vez”, porque apesar de não manter a repetição propositada da palavra “tempo”, a ideia deste (que é distante, é longínquo) continua. Para além disso, o destaque da proximidade a estes contos populares é realçado ainda mais na página 25 dos Anexos, onde aparece a capa do jornal “The Daily Pig”, com a notícia “Red Riding Hood settles dispute out of court”, no qual falarei em diante.

Por outro lado, também podemos tecer comparações com o conto original, *The Story of the Three Little Pigs*, de Joseph Jacobs. Algumas passagens do livro de Scieszka são muito semelhantes às de Jacobs, alterando apenas algumas palavras. Esta mudança, por vezes, confere uma modificação drástica no significado dos segmentos, relativamente ao original, pelo que é, sobretudo, intencional por parte de Scieszka. Neste caso, saliento a ideia de “huffed and snuffed” que são palavras que rimam e conferem som à história. O original de

⁹ É o caso de *Pedro e o Lobo*, *Os Três Porquinhos*, *O Lobo e os Sete Cabritinhos*, entre outros.

(<https://soumamae.com.br/figura-do-lobo-nas-historias-infantis/> visualizado no dia 07/05/2019)

¹⁰ Retirado dos *websites* <http://www.pitt.edu/~dash/perrault02.html> (versão inglesa) e http://home.iscte-iul.pt/~fgvs/CV_Perrault.pdf (versão portuguesa), visualizados no dia 06/05/2019.

Jacobs é “puffed and huffed” (2013: 4), que na tradução de Isabel Pedrome, por exemplo, ficou “soprou e bufou” (2014: 27).

Estes vocábulos têm significados semelhantes no contexto de Jacobs, porém, “huffed” e “snuffed” são praticamente opostos, visto que em “huffed” o ar é expelido e em “snuffed”, o ar é inspirado. Por este motivo, preferi manter “huffed” como “bufou”, sendo fiel à terminologia utilizada na história original de Jacobs e na adaptação de Pedrome, mas o “snuffed” mudei para “inchou”. “Bufar” também é algo natural que os animais fazem, especialmente os mamíferos felinos e caninos¹¹, mas, por outro lado, é, também, um verbo que acredito que cativa bem o público jovem, por ser tão descritivo e próprio do tema.

Consequentemente, o verbo inspirar, na minha opinião, pode apresentar alguma dificuldade a nível de significado e de leitura para a criança, pelo que preferi optar por um termo mais fácil e acessível, conferindo, no entanto, alguma graça, que é uma característica desta história. Para além disso, “inchou” aproxima-se também ao ato de espirrar, que é a finalidade destes verbos. O Lobo “incha e bufa” para espirrar um grande espirro. Assim, a minha tradução, que pode ser vista nas páginas 11 e 12 dos Anexos, é “Bem, eu inchei. E bufei. E espirrei um grande espirro.”

Outra das aproximações ao conto original é o excerto “I’m shaving the hairs of my chinny chin chin”, na página 16 dos Anexos. Na história de Jacobs aparece “No, no, by the hair of my chinny chin chin” (2013: 4), sendo a resposta que os porquinhos dão sempre ao Lobo quando ele tenta entrar. Neste caso, Scieszka, utilizando a mesma forma de Jacobs, tenta fornecer ao Lobo um motivo para ele não entrar na casa do segundo porquinho, visto que ele está “ocupado”. O segmento, para além de rimar, é humorístico, visualmente e textualmente, e em especial tendo em conta a comparação existente entre o conto de Jacobs e o de Scieszka. Porém, a tradução de Pedrome para este excerto foge um pouco à relação cômica da história, tendo sido adaptado como “— Nunca! — respondeu o porquinho sem pensar duas vezes.” (2014: 27). Por isso, procurei outras adaptações do conto, tendo em conta especialmente este excerto. A procura passou essencialmente pela verificação se noutras adaptações, o mesmo tinha sido completamente adaptado, como foi no caso de Pedrome, ou se existiria uma adaptação mais fiel ao original, ou talvez mais próximo às características adjacentes que este segmento proporciona.

Deparei-me, então, com a tradução de Maria Luiza Borges, em *A história dos três porquinhos: Um conto de fadas*, para Português do Brasil. A adaptação de Borges para este

¹¹ <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-vozes-dos-animais/12107> (visualizado no dia 12/05/2019)

excerto foi “Não, não, pelos fios da minha barba, aqui você não vai pisar” (2010: 10), sendo mais semelhante ao original e mantendo um pouco do seu humor.

Da mesma forma, podemos também verificar a tradução para Português do Brasil do conto de Scieszka, do tradutor Pedro Maia. A escolha do tradutor para o excerto foi “Estou fazendo a barba de minhas bochechas rechonchudas” (2005: 12), que apesar de perder a rima, mantém, no entanto, a sonoridade, a aliteração e a fidelidade à história. Assim, de forma a tentar assegurar todos os aspectos característicos deste excerto, a minha tradução foi “Estou a tirar uns pelos do meu queixo para ele brilhar!”, disponível nos Anexos na página 16. Esta tradução, na minha opinião, garante, em primeiro lugar, a rima, para continuar a existir um contrapeso cômico, que se acaba por perder com a leitura se a criança não estiver familiarizada com o conto *The Story of the Three Little Pigs*; e em segundo lugar, a intenção propositada do autor nas semelhanças dos excertos do original de Jacobs.

Para além disto, o livro também está repleto de expressões que são típicas da cultura americana, ou que se assemelham às expressões reais. Podemos reparar, por exemplo, nos excertos “dead as a doornail” (página 13 dos Anexos), “wolf’s honour” (página 18 dos Anexos) e “your old granny can sit on a pin” (página 21 dos Anexos).

“Dead as a doornail” é uma expressão utilizada para indicar que algo ou alguém está verdadeiramente morto, segundo o dicionário de Cambridge. Em português, existem várias expressões que usamos e significam a mesma coisa, por isso, o objetivo era procurar uma que adquirisse intensidade e sentimentalismo, mas sobretudo, humor, uma vez mais, ao conto. Por outro lado, também é preciso referir que a expressão idiomática serve para aproximar, novamente, o leitor ao conto, para que fique do lado do Lobo, neste caso. Assim sendo, teria de escolher uma opção de uma lista de expressões possíveis: “ir desta para melhor”, “bateu as botas”, “ir para a terra da verdade”, “abotoar/vestir o sobretudo/pijama de madeira”, “ir para o andar de cima”, entre outras.

Nenhuma das opções referidas acima, para mim, eram as ideais para utilizar neste segmento, que se viria a repetir várias vezes ao longo do conto. Isto deve-se à tentativa de conservação da prática humorística que tem vindo a ser a característica predominante desta história, que não teria sido conseguida com apenas as expressões mencionadas.

Por este motivo, decidi usar o exagero e a ironia, como recurso estilístico, para criar humor. Como as personagens são porquinhos, ocorreu-me utilizar a expressão “ir com os porcos”, como forma de ironia, que é complementada com “bateu as botas”, para chegar ao exagero. As crianças podiam em primeiro lugar, não perceber o significado da primeira expressão, tendo então o apoio da segunda para compreensão, e em segundo lugar, recorrer

ao seu imaginário, criando na sua cabeça uma figura que reconheceriam como sendo um porco ao qual adicionariam botas, lembrando também a história d'*O Gato das Botas*. Desta forma, a minha tradução para “dead as a doornail” ficou “foi com os porcos, como quem diz, bateu as botas”.

Por sua vez, “wolf’s honor” provém de “scout’s honor”, que é um dizer típico utilizado para referir que alguém está a dizer a verdade, equivalente a “palavra de escuteiro”.¹² Neste caso, o segmento é usado para apoiar o ponto de vista do Lobo novamente. A minha tradução para este segmento seguiu a mesma linha de pensamento do autor, optando por deixar “palavra” e “lobo”, traduzindo quase literalmente este jogo de palavras. O Lobo jura pela sua honra que encontrou o Segundo Porquinho totalmente morto, ficando, então, “palavra de Lobo”, como se pode verificar na página 18 dos Anexos.

Para além disso, temos a expressão “your old granny can sit on a pin”. Esta frase foi inventada pelo autor como uma forma de insulto, mas não sendo muito forte, devido à cómica imagem que a mesma nos proporciona.¹³ A “pin” pode ser visto como um pionés ou um alfinete, portanto a frase traduzida de forma literal seria “a tua velha avó pode sentar-se num pionés”.

Esta tradução literal não provoca um humor tão semelhante no texto de chegada como supostamente o faz no texto de partida, no meu ponto de vista. Por este motivo, decidi antes procurar uma expressão que já existisse e que fosse conhecida do público português, mas que o contexto a tornasse mais engraçada do que habitualmente o seria. Ocorreu-me logo de seguida a expressão “dar banho ao cão”, que associada à imagem do Lobo pode criar um cenário divertido. Porém, receei que a expressão fosse forte para uma criança, por isso, de forma a torná-la mais suave e, ao mesmo tempo usando a ironia como recurso estilístico, uma vez mais, a minha tradução para “old granny” continuou como “velha avozinha”. Desta forma, a minha tradução foi “a tua velha avozinha pode ir dar banho ao cão”.

Da mesma maneira, também se torna importante referir as mudanças que efetuei ao longo do conto nas imagens. A minha intenção não foi variar muito o estilo de Lane Smith, visto que ele continua a ser o verdadeiro autor das imagens deste livro e, como tal, tentei adaptá-las de forma gentil e quase impercetível, efetuando mudanças essencialmente a nível linguístico.

¹² <https://www.usingenglish.com/forum/threads/159844-Wolf-s-honor> (visualizado no dia 15/05/2019)

¹³ <https://www.usingenglish.com/forum/threads/159850-your-old-granny-can-sit-on-a-pin> (visualizado no dia 15/05/2019)

Para começar, destaco a tradução da capa e da contracapa. Como disse previamente, as alterações foram feitas através da ferramenta Adobe Photoshop, que me permitiu alterar o que pretendia sem modificar o essencial. “The True Story of the 3 Little Pigs!” traduzi como “A verdadeira história dos 3 Porquinhos!”, para manter a mesma formatação e a ideia de que qualquer criança que esteja a aprender a ler e a contar, podem iniciar a leitura deste livro. Por outro lado, “Daily Wolf” foi traduzido como “Jornal Lobinho”, assim como “The Daily Pig” ficou como “O Jornal dos Porquinhos” (na página 25 dos Anexos). A intenção de manter o sufixo -inho(s) partiu novamente da perspectiva de que os mesmos trazem carinho e fofice, tipicamente utilizados quando nos referimos a animais neste género literário.

Na página 7 dos Anexos, em contrapartida, verificamos uma série de letras desenhadas de formas diferentes que unidas formam a frase “This is the real story”. A minha proposta de tradução inicial seria “Esta é a verdadeira história”, para que fosse semelhante ao título (assim como no original, com *The True Story of the 3 Little Pigs!*), porém, no momento da alteração das letras percebi que não poderia traduzir dessa maneira, pois estaria a alterar os desenhos de Lane Smith.

Teria, portanto, de adicionar mais formas diferentes às que estão no próprio livro. Por este motivo, tive de tentar encontrar uma frase que tivesse apenas 18 caracteres, para não ter de criar outros padrões nem alterar demasiado o desenho. Ocorreu-me, portanto, a frase “Esta é a história real”, que tem precisamente 18 caracteres. Não só tinha a oportunidade de reaproveitar as letras criadas por Smith, como também não tinha de acrescentar nenhuma forma, modificando apenas o essencial. De igual maneira, as letras capitulares também precisaram de ser alteradas, tentando sempre assegurar a formatação e o desenho do original.

Por conseguinte, também preciso de esclarecer a imagem da página 27 dos Anexos. No copo que o Lobo segura, já enclausurado na prisão, lê-se “Pig Penn”, onde parece ainda haver continuidade à palavra “Penn”. Não tendo tido contacto com o autor da história, não posso dizer com toda a segurança que “Penn” tem relação com a palavra “Pen”, até porque se escrevem de maneira diferente. Segundo o Cambridge Dictionary, “Pen” tanto pode remeter para um espaço fechado, onde os animais são guardados (como pocilga ou galinheiro, por exemplo), mas também pode ser utilizado como calão para “prisão”, provindo de “penitentiary”. Sendo assim, teria várias opções de tradução como “Propriedade dos porcos” (se imaginássemos o copo como pertencendo à prisão onde, de facto, o Lobo se encontrava) ou mesmo “Prisão dos porcos” ou, simplesmente, “Pocilga”.

Ainda assim, não estando convencida acerca destas traduções, verifiquei a tradução para português do Brasil do tradutor Pedro Maia. A opção do tradutor inicialmente foi “Partes de porco” (2005; 28), porém na segunda edição foi alterada para “Prisão”. A primeira tradução não me parecia realista, tendo em conta que um dos motivos pelo qual o Lobo foi para a prisão foi por ter comido os porquinhos, pelo que não era credível o facto de lhe estarem a dar partes de porcos num copo, para comer. Assim sendo, a segunda tradução veio deixar-me com mais expectativas de que estava no caminho certo para a tradução deste excerto.

Após ter discutido com o meu orientador sobre qual seria a melhor escolha para esta parte, concordamos em deixar “Prisão dos porcos”, de forma a salientar a ideia do destino do Lobo. Para além disso, a tradução da imagem cumpriu também a característica que Lane Smith tinha deixado no original, cortando parte da palavra e deixando subentendido. O resultado ficou, então, “[Pr]isão dos Porcos”, como se pode verificar na página 27 dos Anexos. Este segmento foi, sem dúvida, um dos mais complicados de traduzir, pela falta de percepção e inteligibilidade do original.

Desta maneira, pode-se verificar, ainda, a minha proposta de tradução e o conto original de Jon Scieszka e Lane Smith nos Anexos.

4 - CONCLUSÃO

A literatura infantil é considerada por muitas pessoas como tudo aquilo que as crianças lêem, porém, a verdade é que este gênero literário é um dos mais difíceis de definir. Se por um lado é verdade que está dirigida a um público mais novo, com menos conhecimentos do mundo geral, por outro não é possível garantir que um autor escreva a sua história para as crianças e seja, de facto, lido por elas. Oittinen refere que “[c]hildren themselves do not decide on how their literature is defined; neither do they decide on what is translated, published, or purchased for them. Children’s literature as a whole is based on adult decisions, adult points of view, adult likes and dislikes” (2002: 69), o que torna ainda mais difícil a aceitação dos contos, criados por adultos, pelas crianças. Podemos, então, afirmar que a literatura infantil é, por sua vez, muito complexa, a vários níveis.

Desta maneira, precisamos de salientar as suas características. Apesar de as partilhar com outros géneros e categorias, tê-las juntas e interligadas entre si tornam a literatura infantil um género único e particular. Estas marcas têm uma importância elevada para o tradutor, porque precisa de estar atento à relação que existe entre o texto, o som, a ilustração e outros recursos, como o humor, se for o caso, tendo em mente que na sua maioria, essas ligações são propositadas, criadas pelo autor da história.

Porém, nem sempre é possível manter os recursos da forma como se encontram no original, pelo que o tradutor, por vezes, tem de se tornar ele próprio num escritor, de modo a adaptar o conteúdo da história plenamente para o seu público e a sua cultura. Se falarmos, por exemplo, nas ilustrações, que compõem uma relação direta ou indireta com o texto, mas sempre, de certa forma, acompanhando-o, o tradutor não poderá em nenhum caso ignorar esta ligação.

Consequentemente, apresento a minha proposta de tradução para português de Portugal do conto de Jon Scieszka e ilustrações de Lane Smith, disponível para visualização nos Anexos. Acredito que esta minha proposta corresponde às expectativas traçadas inicialmente, sempre com orientação para a qualidade da tradução. As imagens foram alteradas com o intuito de traduzir as partes escritas em inglês, de modo a acompanhar melhor o conto.

Por outro lado, outro dos objetivos que tinham sido programados inicialmente foi o de expor as dificuldades adjacentes à tradução deste género literário, algo que acredito ter sido concretizado. À medida que os problemas eram apresentados e iam sendo resolvidos durante a tradução, conhecidos depois no subcapítulo 3.4, na análise à proposta de tradução, começava a entender os conflitos que o tradutor tem no desenvolvimento do seu trabalho.

Desta forma, posso referir que este projeto foi, sem dúvida, importante para o meu progresso enquanto estudante, mas também enquanto futura profissional de tradução. Aprendi com a sua realização, que a tradução de literatura infantil é mais complexa do que parece, é desafiante e, financeiramente, pode chegar a ser cara. Porém, o resultado, se for efetuado uma tradução completa, é mais satisfatório se pensarmos na qualidade.

Este projeto veio, no domínio da tradução literária, colmatar uma falha que sentia que existia na minha aprendizagem, apesar da formação obtida. Por outro lado, também me ajudou a explorar novos mundos na tradução, de uma área que eu já gostava, a literatura, permitindo-me crescer enquanto estudante de tradução e obter uma experiência quase realista daquilo que o futuro, se enveredar por este ramo, me espera.

Referências Bibliográficas

- Alvstad, C. (2010). Children's literature and translation. *Handbook of translation studies*, 1, 22-27. ISBN 978-90-272-0331-1. 1º Ed., John Benjamins Publishing Company. Amsterdam.
- Asiain, T. (2016). *The translation of children's literature: Ideology and cultural adaptations. Captain Underpants as a case study*. Doctoral dissertation for Degree of Doctor of Philosophy. University of the West of England.
- Cademartori, L. (2017). *O que é literatura infantil*. ISBN 978-85-113-5017-3. Brasiliense. Brasília. Disponível em:
https://books.google.pt/books?id=aGgvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false (Visualizado no dia 08/01/2019)
- Cascallana, B. G. (2006). Translating cultural intertextuality in children's literature. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 97-110, Routledge. Londres.
- Porto, S. P. (2012). *Do Imaginário ao Real: A criação e a produção do livro infantil na visão do ilustrador*. Tese de Mestrado em Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- de Souza, M. G. (2014). A expressividade do sufixo “-inho” na obra *Vidas secas*. *Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)*, 43 (01): 226-236.
- Desmidt, I. (2006). A prototypical approach within descriptive translation studies. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 79-98, Routledge. Londres.
- Ghesquiere, R. (2006). Why does children's literature need translations? Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 19-33, Routledge. Londres.
- Jacobs, J. (2010). *A história dos Três Porquinhos: Um conto de fadas*. ISBN: 8537810126. Tradução de Maria Luiza Borges. Expresso Zahar. Rio de Janeiro. Edição do Kindle.
- Jacobs, J. (2013). *The Story of the Three Little Pigs*. ISBN: 1544906307. ICU Publishing. Edição do Kindle.

- Jacobs, J. (2014). *Os Três Porquinhos*. ISBN: 978-9-89874-091-5. Tradução de Isabel Pedrome. Livros Sem Papel. Edição do Kindle.
- Joosen, V. (2006). From breaktime to postcards: how Aidan Chambers goes (or does not go) Dutch. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 61-78, Routledge. London.
- Lathey, G. (2006). The translator revealed. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 1-18, Routledge. Londres.
- Lathey, G. (2010). *The role of translators in children's literature: Invisible storytellers*. Routledge. Londres.
- Mateus, M. H. M. (2001). Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes? *Ata de conferência sobre os 500 anos dos Descobrimentos Portugueses*. Évora.
- Neves, J. (2015). Práticas de leitura em Portugal. Em: Cardoso, G. (ed.), *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital*, 113-145. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa.
- Anderman, G., Rogers, M. e Newmark, P. (1999). *Word, Text, Translation. Liber Amicorum for Peter Newmark*. Multilingual Matters. Clevedon, Buffalo, Toronto, Sydney.
- O'Sullivan, E. (2003). Narratology meets translation studies, or, the voice of the translator in children's literature. *Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal*. **48** (1-2): 197-207.
- O'Sullivan, E. (2013). Review of Gillian Lathey. The Role of Translators in Children's Literature. Invisible Storytellers. *Target. International Journal of Translation Studies*. **25** (2): 281–285. DOI 10.1075/target.25.2.07osu.
- Oittinen, R. (2002). *Translating for children*. 1ª Edição, Routledge. Nova Iorque.
- Oittinen, R. (2008). From Thumbelina to Winnie-the-Pooh: Pictures, words, and sounds in translation. *Meta: Journal des traducteurs/Translators' Journal*. **53** (1): 76-89. DOI 10.7202/017975ar.
- Oittinen, R. (2014). On the Ethics of Translating for Children. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, Routledge. London.
- Øster, A. (2006). Hans Christian Andersen's fairy tales in translation. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 141-155, Routledge. London.

- Pascua-Febles, I. (2006). Translating Cultural References. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 111-121, Routledge. London.
- Pessoa, F. (1939). *Poesias de Álvaro de Campos*. 1ª Edição, Presença, Coimbra.
- Queiroga, M. G., e Fernandes, L. P. (2016). Tradução de Literatura Infantojuvenil. *Cadernos de Tradução*. **36** (1): 62-78.
- Rudvin, M., e Orlati, F. (2006). Dual Readership and Hidden Subtexts in Children's Literature: The Case of Salman Rushdie's 'Haroun and the Sea of Stories'. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 157-184, Routledge. London.
- GEPE-Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. Santos, M. L. L., Neves, J. S., Lima, M. J., e Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Scieszka, J. (2005). *A verdadeira história dos Três Porquinhos!* ISBN: 978-8-57406-245-7. Tradução de Pedro Soares Maia. Companhia das Letrinhas.
- Scieszka, J. (2009). *The true story of the 3 little pigs!* ISBN: 978-0-14054-056-7. Penguin Books. Nova Iorque.
- Sim-Sim, I. (2009). *O ensino da leitura: a decifração*. Ministério da Educação. Lisboa.
- Thomson-Wohlgemuth, G. (2006). Flying High—Translation of Children's Literature in East Germany. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 47-59, Routledge. London.
- Van Coillie, J. (2014). A Functional Approach. Em: J. Van Coillie e W. P. Verschueren (eds.), *Children's literature in translation: Challenges and strategies*, 123-139, Routledge. London.
- Witter, G. P. e Ramos, O. A. (2008). Influência das cores na motivação para leitura das obras de literatura infantil. *Psicologia Escolar e Educacional*. **12** (1): 37-50. Paraná.
- Wittmann, L. H., Pêgo, T. R., Santos, D. (1995). Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações. *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. pp. 465-487. Lisboa.
- Zilberman, R. (2006). El estatuto de la literatura infantil. *Cuadernos Literarios*. **3** (6): 17-39.

Webgrafia

- <http://guysread.com/> (visualizado no dia 05/03/2019)
- http://home.iscte-iul.pt/~fgvs/CV_Perrault.pdf (visualizado no dia 06/05/2019)
- <http://porbase.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=G5587994V417R.19781&profile=porbase&menu=search&aspect=history&histedit=last> (visualizado no dia 10/08/2018)
- <http://www.booksmile.pt/autores/jon-scieszka> (visualizado no dia 04/04/2019)
- <http://www.cbcbooks.org/jon-scieszka-talks-about-why-he-started-guys-read/#.W7yBHmhKi00> (visualizado no dia 03/06/2019)
- http://www.jsworldwide.com/just_the_facts.html (visualizado no dia 11/05/2019)
- <http://www.pitt.edu/~dash/perrault02.html> (visualizado no dia 06/05/2019)
- <http://www.readingrockets.org/books/interviews/scieszka/transcript> (visualizado no dia 22/05/2019)
- <https://bookpage.com/interviews/8302-jon-scieszka-childrens> (visualizado no dia 03/06/2019)
- <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/morrer/3823> (visualizado no dia 12/05/2019)
- <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/as-vozes-dos-animais/12107> (visitado no dia 12/05/2019)
- <https://comunidade.rockcontent.com/expressoes-idiomaticas/> (visualizado no dia 12/05/2019)
- <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/be-as-dead-as-a-doornail> (visitado no dia 12/05/2019)
- <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/pen> (visitado no dia 01/06/2019)
- https://en.wikipedia.org/wiki/Jon_Scieszka (visualizado no dia 03/06/2019)
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Tr%C3%AAs_Porquinhos (visualizado no dia 03/06/2019)
- <https://soumamae.com.br/figura-do-lobo-nas-historias-infantis/> (visualizado no dia 07/05/2019)
- <https://www.booktrust.org.uk/book/t/the-true-story-of-the-three-little-pigs/> (visualizado no dia 19/03/2019)
- <https://www.broadwayworld.com/omaha/article/BWW-Review-THE-TRUE-STORY-OF-THE-THREE-LITTLE-PIGS-at-The-Rose-Theater-20170127> (visualizado no dia 08/05/2019)

<https://www.dictionary.com/browse/snuff> (visualizado no dia 11/05/2019)

<https://www.forbes.com/sites/fernandoalfonso/2019/04/22/revisiting-the-childhood-classic-the-true-story-of-the-3-little-pigs-30-years-later/#713479dd5b4f> (visualizado no dia 11/05/2019)

<https://www.google.com/search?client=firefox-b-d&channel=crow&q=the+true+story+of+the+tree+little+pigs> (visualizado no dia 10/08/2019)

<https://www.imdb.com/title/tt0813910/> (visualizado no dia 02/06/2019)

<https://www.kirkusreviews.com/book-reviews/jon-scieszka/true-story-of-3-little-pigs/>
(visualizado no dia 03/06/2019)

<https://www.penguin.com/publishers/vikingbooks/> (visualizado no dia 11/05/2019)


https://www.reddit.com/r/nostalgia/comments/bdutz/the_true_story_of_the_3_little_pigs_by_jon/ (visitado no dia 11/05/2019). (visualizado no dia 11/05/2019)

<https://www.usingenglish.com/forum/threads/159844-Wolf-s-honor> (visualizado no dia 15/05/2019)

<https://www.usingenglish.com/forum/threads/159850-your-old-granny-can-sit-on-a-pin>
(visualizado no dia 15/05/2019)


<https://www.voanews.com/a/a-13-2008-01-03-voa73-66789937/565823.html> (visualizado no dia 03/06/2019)

Anexos

DAILY  WOLF

THE TRUE STORY OF THE 3 LITTLE PIGS!

BY A. WOLF




AS TOLD TO JON SCIESZKA

[Faded, illegible text from the original article is visible in the background of the page.]

JORNAL  LOBINHO

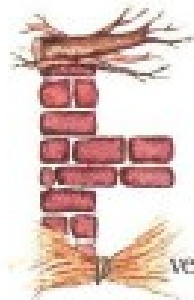
A VERDADEIRA HISTÓRIA DOS 3 PORQUINHOS!

POR O. LOBO

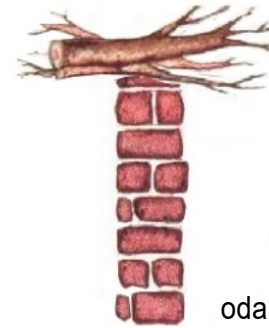


CONTADA A JON SCIESZKA

[Faded, illegible text from the original article is visible in the background of the page.]



verybody knows the
story of the Three Little Pigs.
Or at least they think they do.
But I'll let you in on a little secret.
Nobody knows the real story,
because nobody has ever heard
my side of the story.

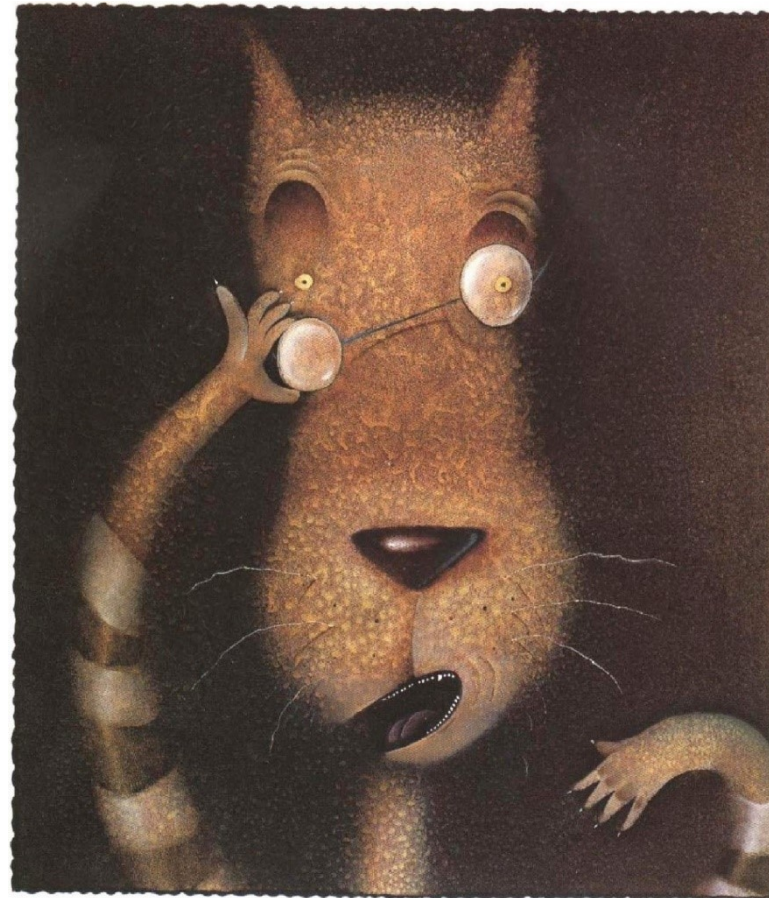


oda a gente sabe a
história dos Três Porquinhos.
Ou, pelo menos, acha que sabe.
Mas deixa-me contar-te um
pequeno segredo. Ninguém
conhece a verdadeira história,
porque ninguém ouviu ainda o
meu lado da história.





I'm the wolf. Alexander T. Wolf.
You can call me Al.
I don't know how this whole Big Bad Wolf thing got started,
but it's all wrong.

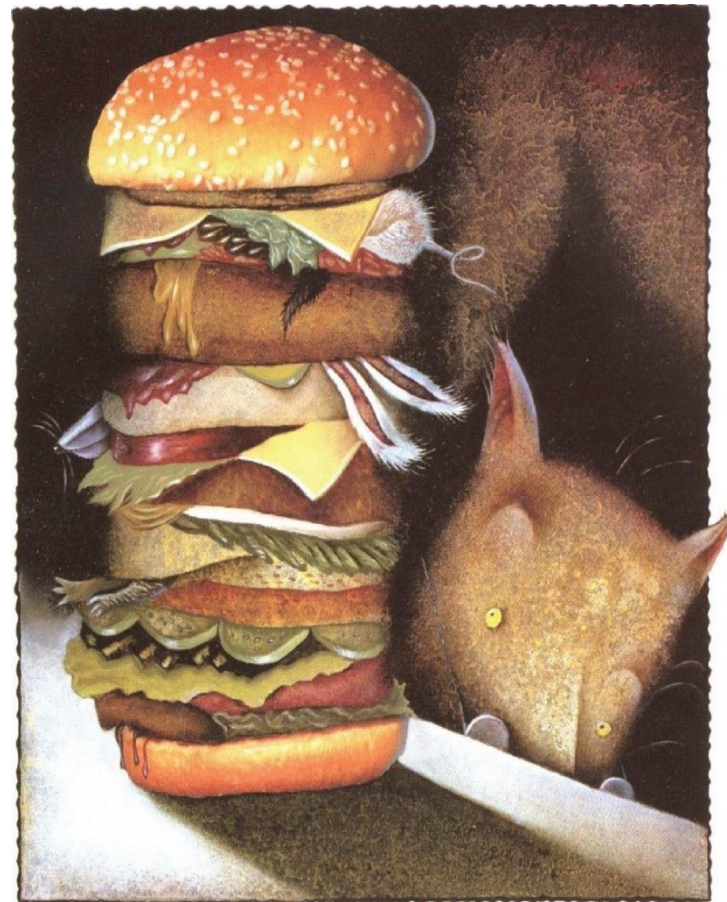


Eu sou o Lobo. Alexandre O. Lobo.
Podes tratar-me por Alex.
Eu não sei como é que toda esta história do Lobo
Grande e Mau começou, mas está toda errada.



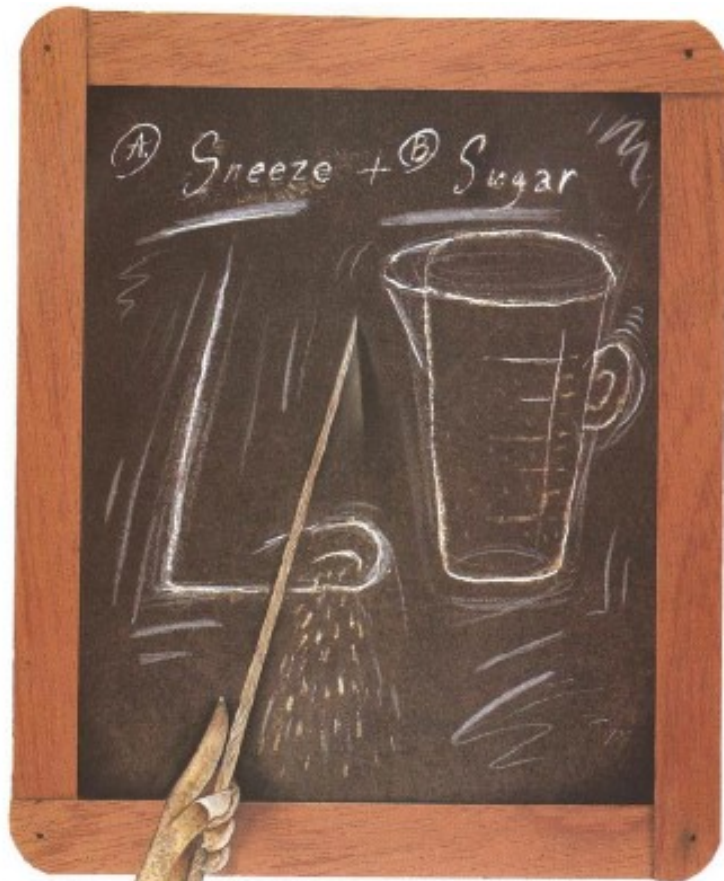
Maybe it's because of our diet.

Hey, it's not my fault wolves eat cute little animals like bunnies and sheep and pigs. That's just the way we are. If cheeseburgers were cute, folks would probably think you were Big and Bad, too.

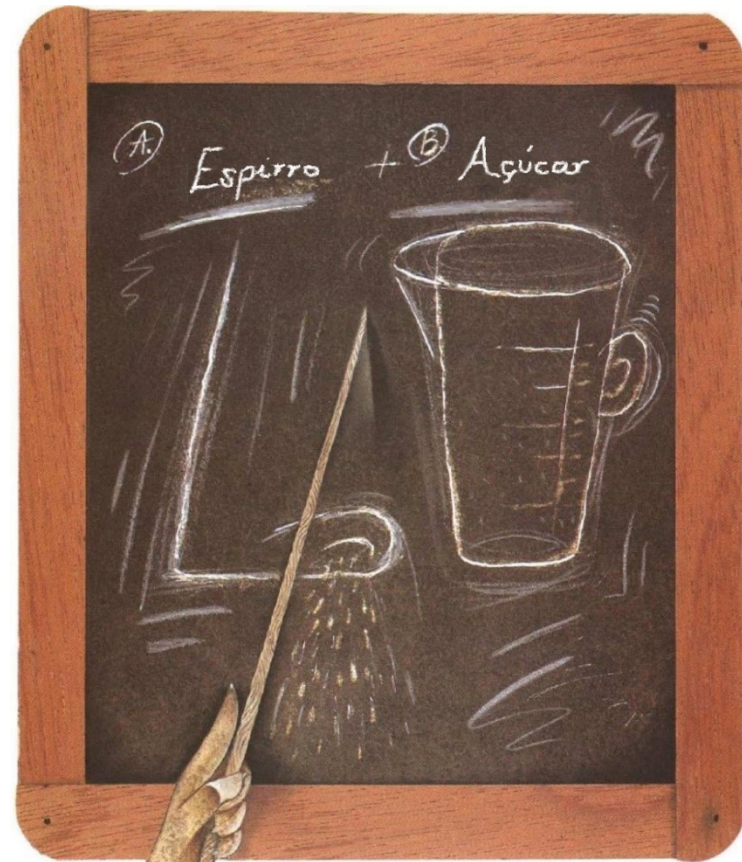


Talvez seja por causa da nossa dieta.

Ei! Não é culpa minha que os lobos comam animais fofinhos, como coelhos ou cabritinhos e porquinhos! Nós somos assim. Se os hambúrgueres fossem fofos, as pessoas iriam achar que tu também eras Grande e Mau...




But like I was saying,
the whole Big Bad Wolf thing is all wrong.
The real story is about a sneeze and a cup of sugar.



Mas como estava a dizer, toda esta
história do Lobo Grande e Mau está
errada.

A verdadeira história começa com
um espirro e uma chávena de açúcar.

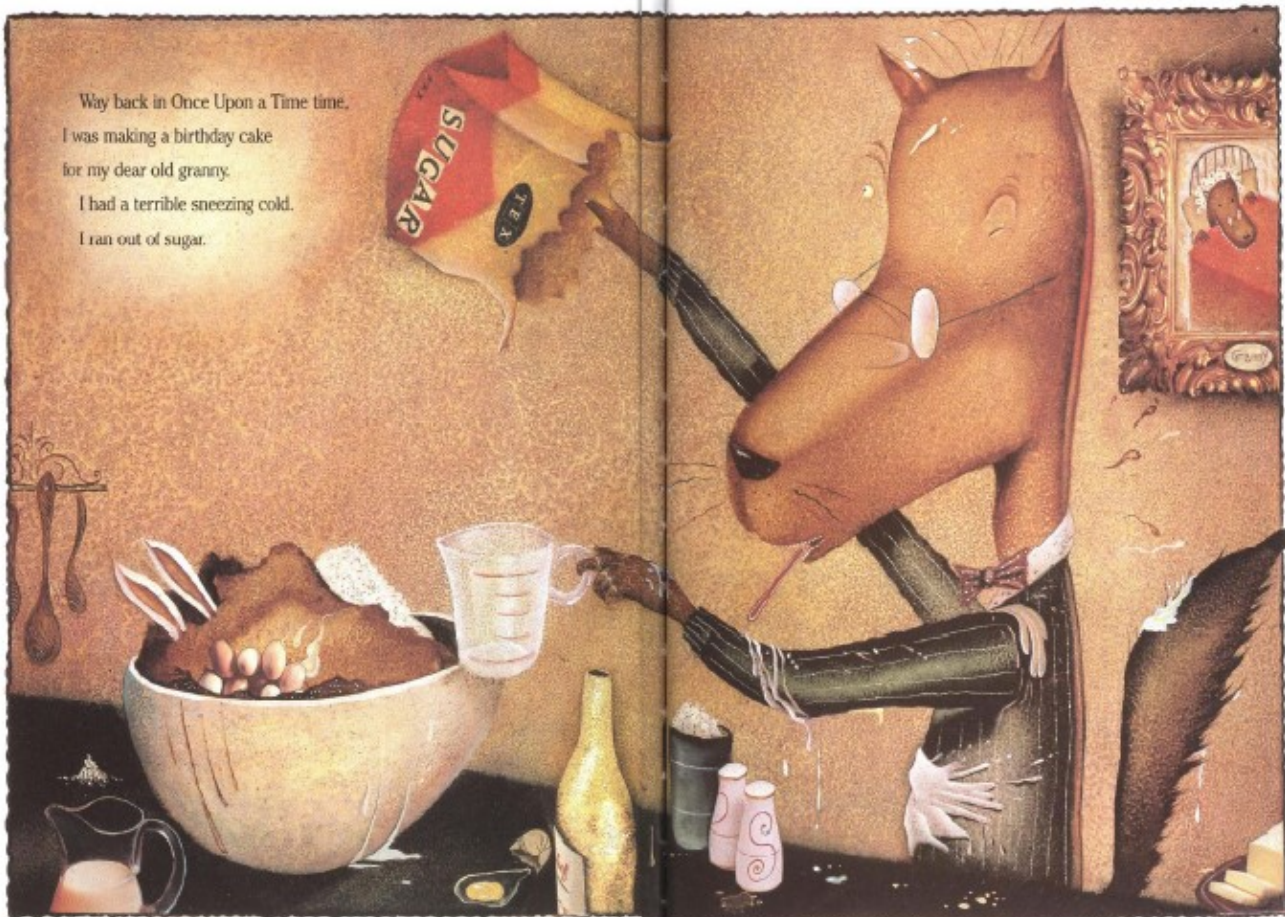
THIS
IS
THE
REAL
STORY



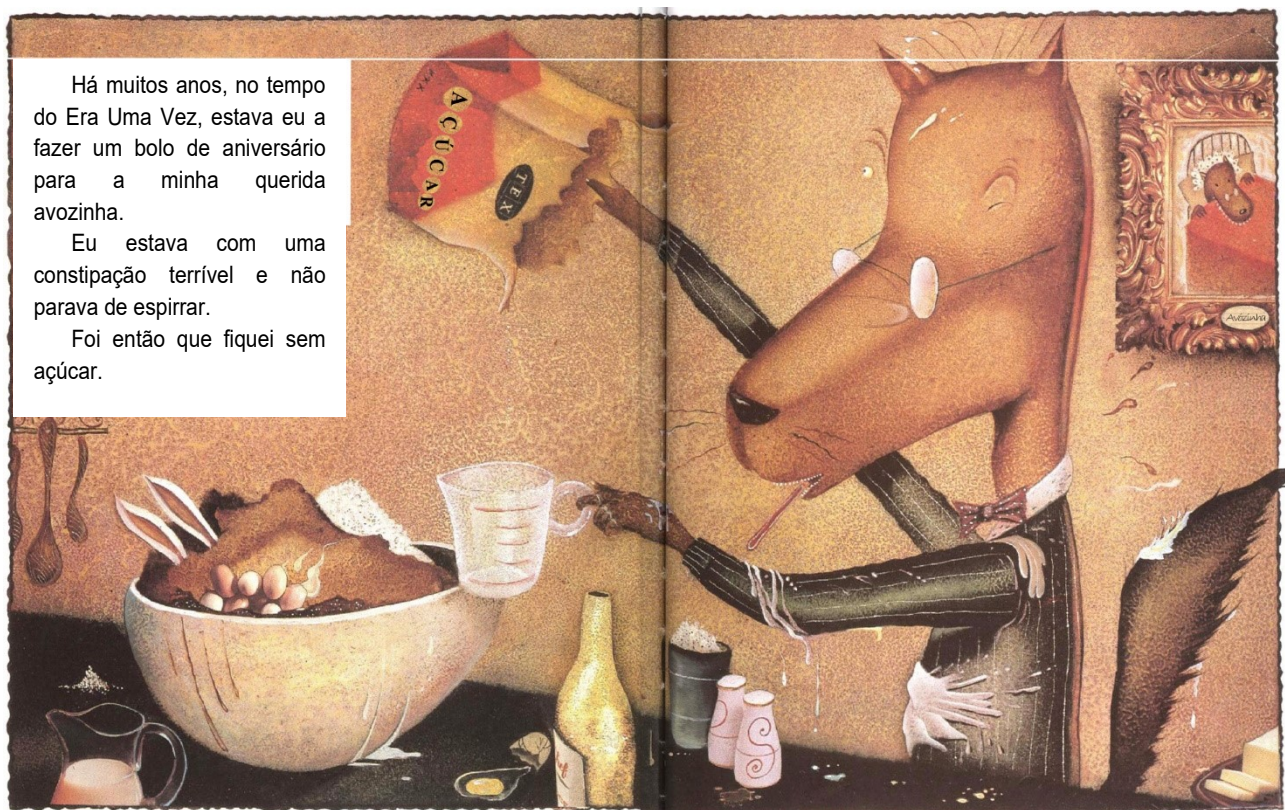
ESTÁ
E
HISTÓRIA
REAL



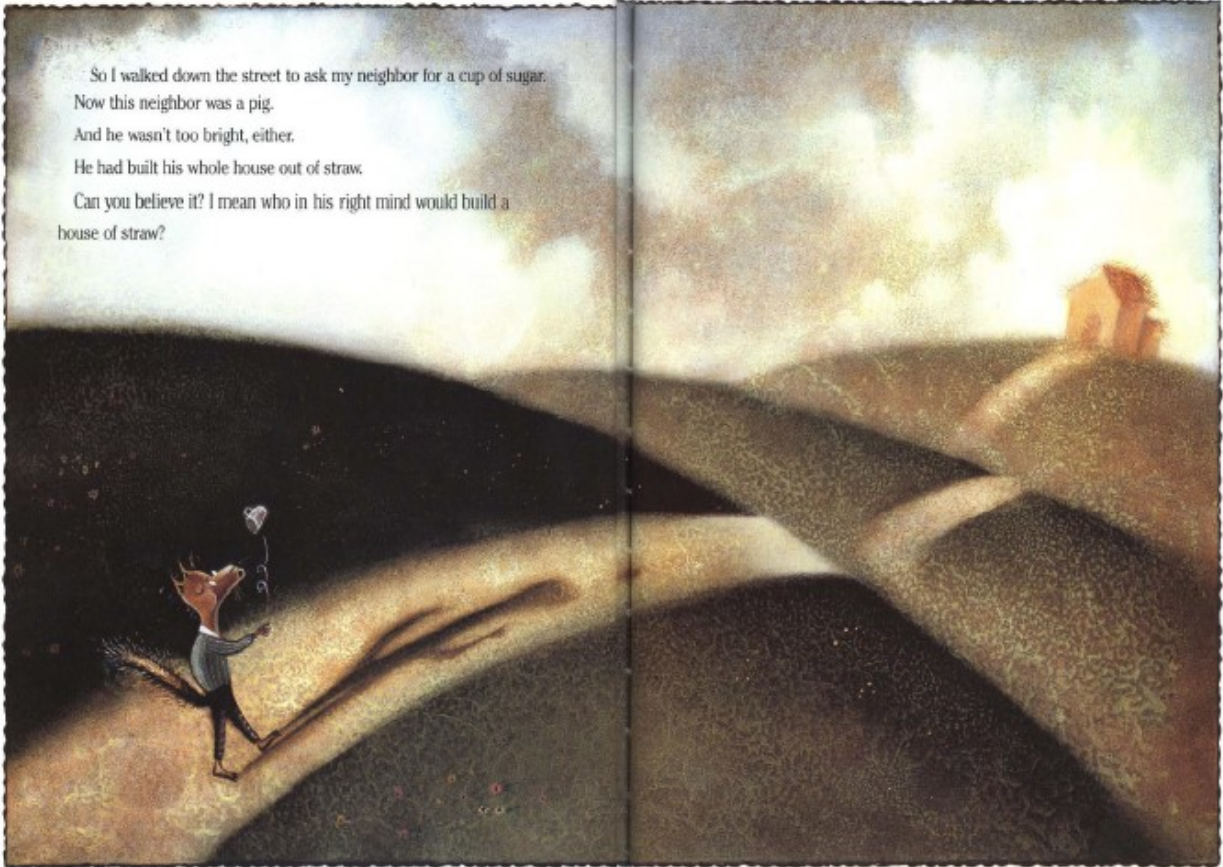
Way back in Once Upon a Time time,
I was making a birthday cake
for my dear old granny.
I had a terrible sneezing cold.
I ran out of sugar.



Há muitos anos, no tempo
do Era Uma Vez, estava eu a
fazer um bolo de aniversário
para a minha querida
avozinha.
Eu estava com uma
constipação terrível e não
parava de espirrar.
Foi então que fiquei sem
açúcar.



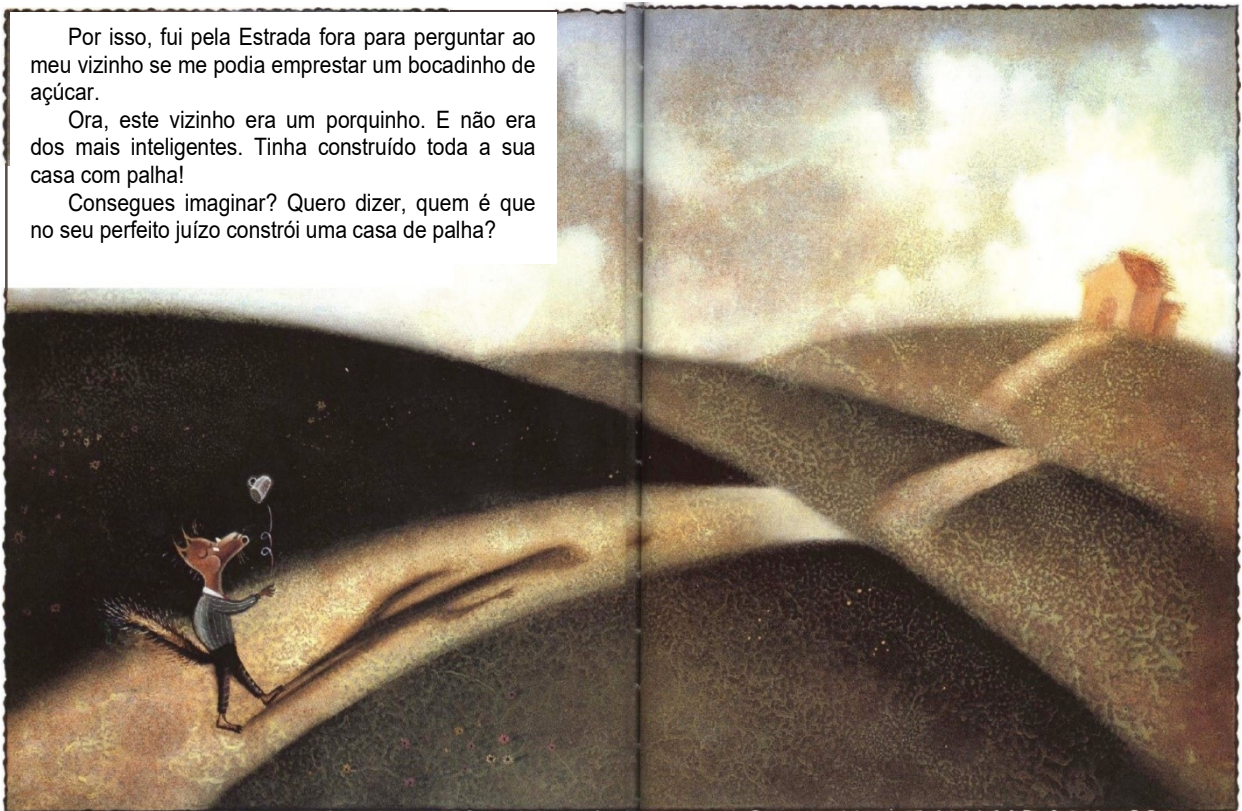
So I walked down the street to ask my neighbor for a cup of sugar.
Now this neighbor was a pig.
And he wasn't too bright, either.
He had built his whole house out of straw.
Can you believe it? I mean who in his right mind would build a
house of straw?

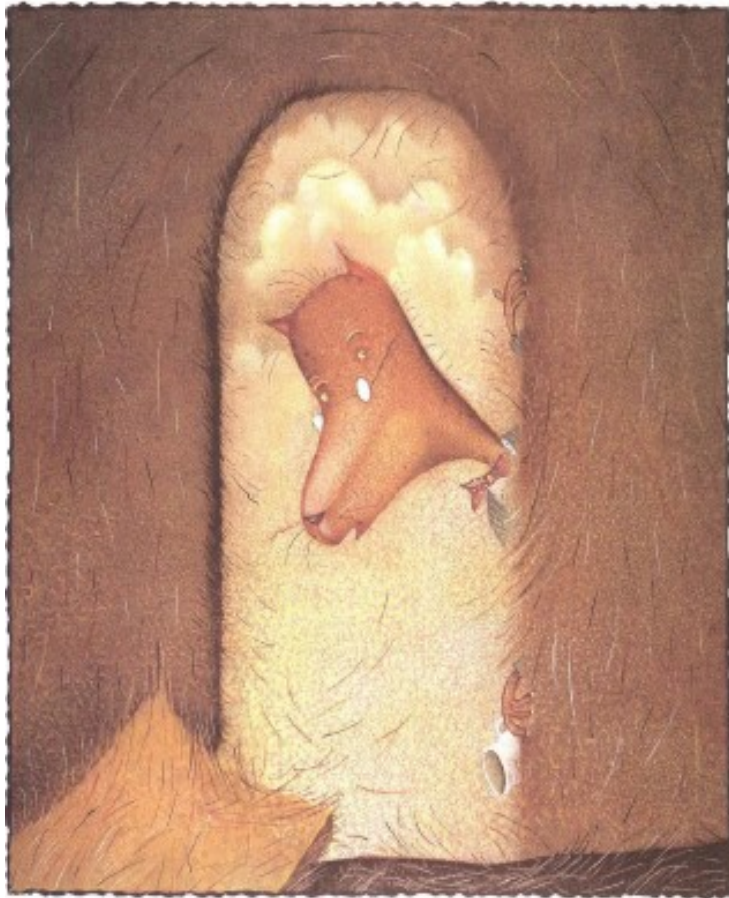


Por isso, fui pela Estrada fora para perguntar ao meu vizinho se me podia emprestar um bocadinho de açúcar.

Ora, este vizinho era um porquinho. E não era dos mais inteligentes. Tinha construído toda a sua casa com palha!

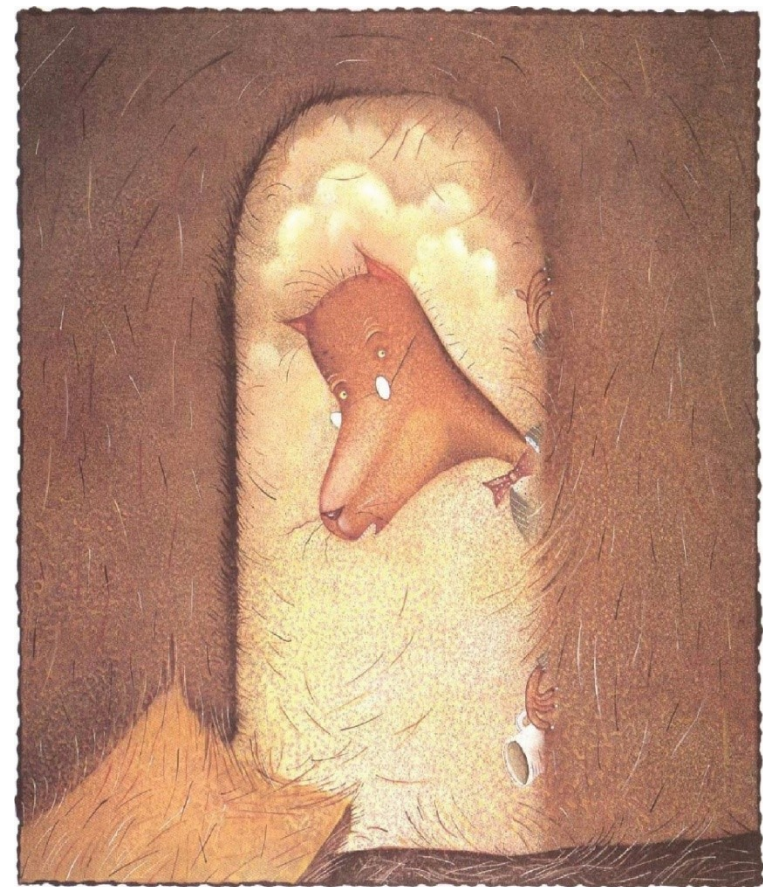
Consegues imaginar? Quero dizer, quem é que no seu perfeito juízo constrói uma casa de palha?





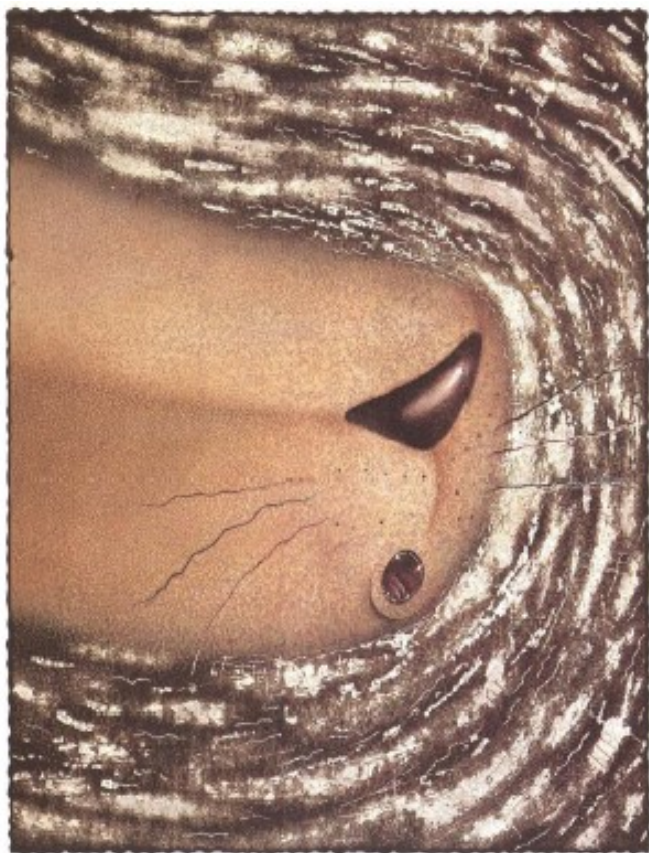
So of course the minute I knocked on the door, it fell right in. I didn't want to just walk into someone else's house. So I called, "Little Pig, Little Pig, are you in?" No answer.

I was just about to go home without the cup of sugar for my dear old granny's birthday cake.

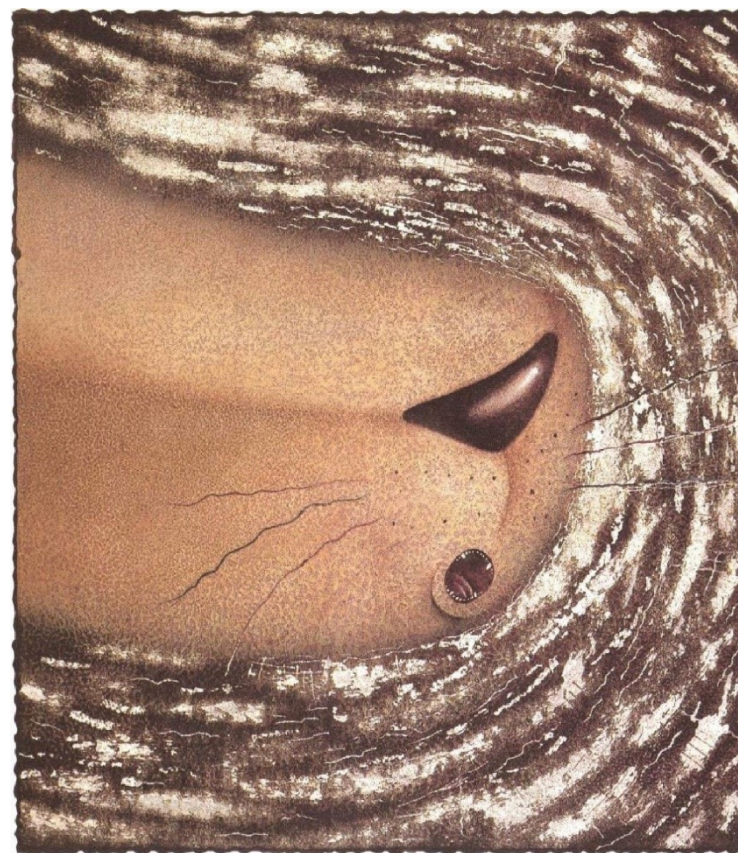


Claro que no mesmo instante em que bati à porta, ela caiu no interior da casa. Eu não queria entrar assim, na casa de um desconhecido. Por isso, chamei: "Porquinho, porquinho, está aí?" Mas ninguém respondeu.

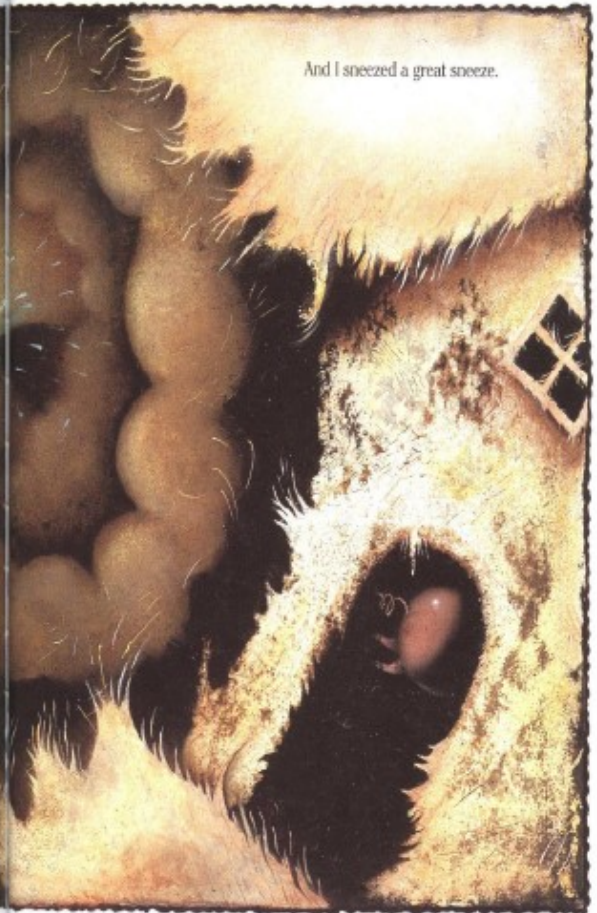
Já estava prestes a ir para casa sem o bocadinho de açúcar para o bolo de aniversário da minha querida avozinha.



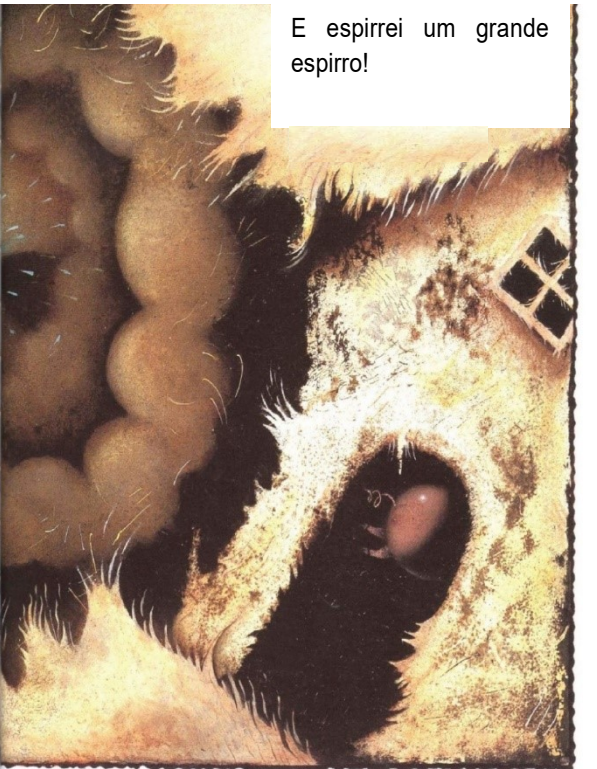
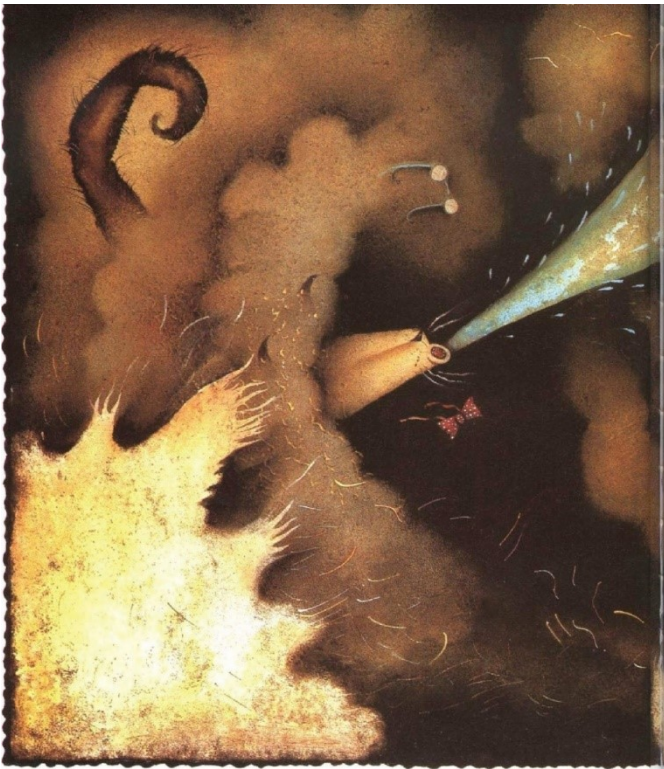
That's when my nose started to itch.
I felt a sneeze coming on.
Well I huffed.
And I snuffed.



Mas foi então que senti a comichão
do meu nariz e um espirro a chegar.
Bem, eu inchei.
E bufei.



And I sneezed a great sneeze.



E espirrei um grande
espirro!



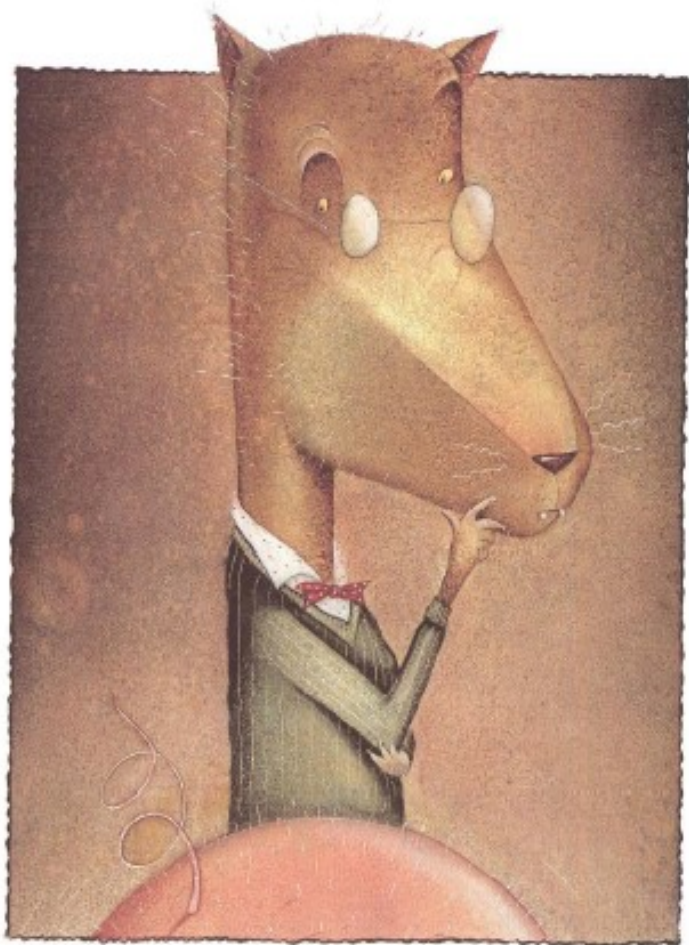
And you know what? That whole darn straw house fell down. And right in the middle of the pile of straw was the First Little Pig—dead as a doornail.

He had been home the whole time.

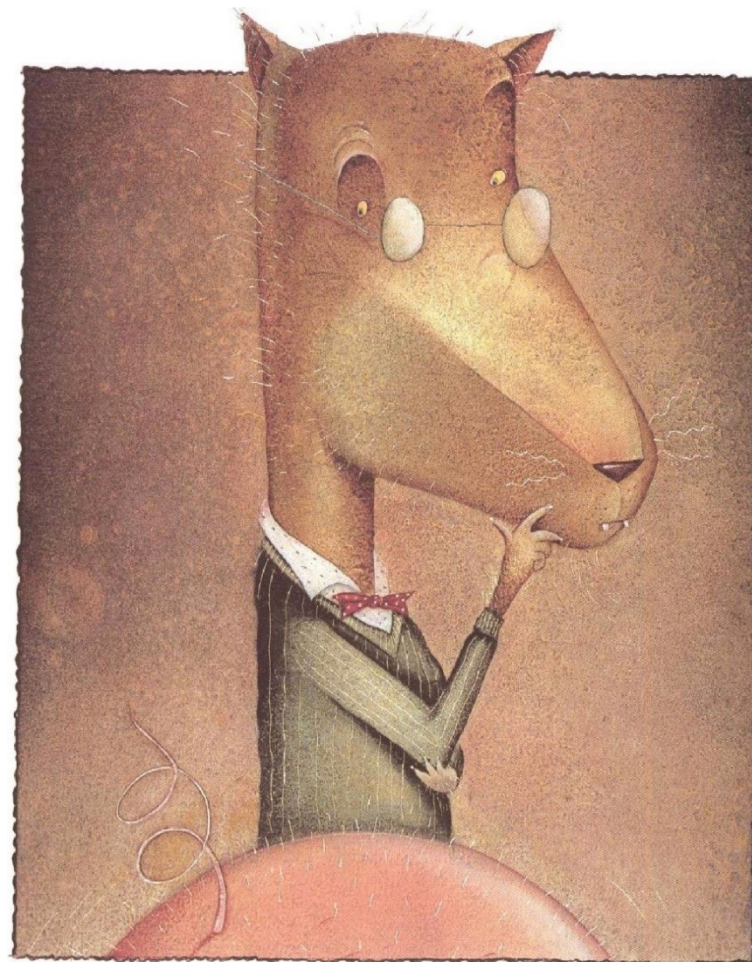


E sabes o que é que aconteceu? Toda a maldita casa de palha veio abaixo. E mesmo lá no meio da confusão de palha estava o Primeiro Porquinho, que tinha ido com os porcos, como quem diz, bateu as botas.

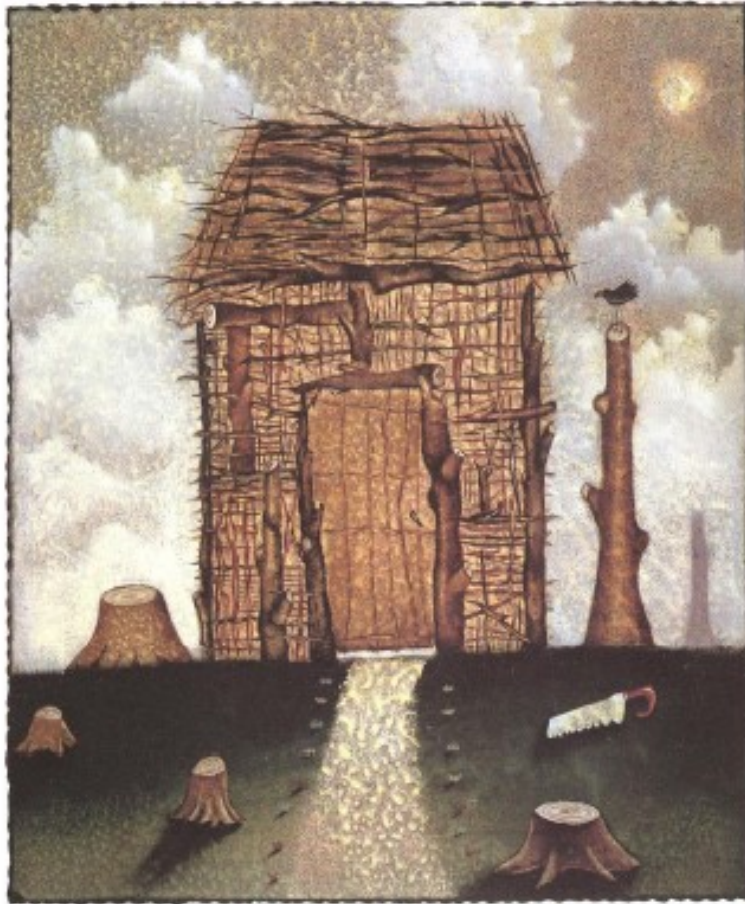
Afinal ele sempre estivera em casa.



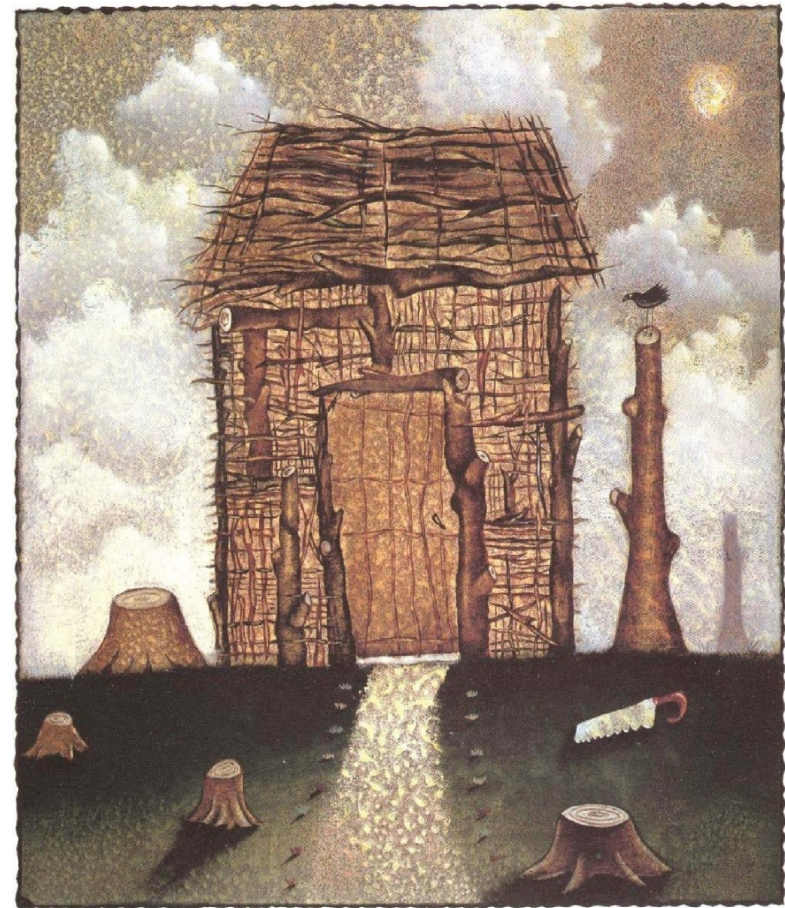
It seemed like a shame to leave a perfectly good ham dinner lying there in the straw. So I ate it up.
Think of it as a big cheeseburger just lying there.



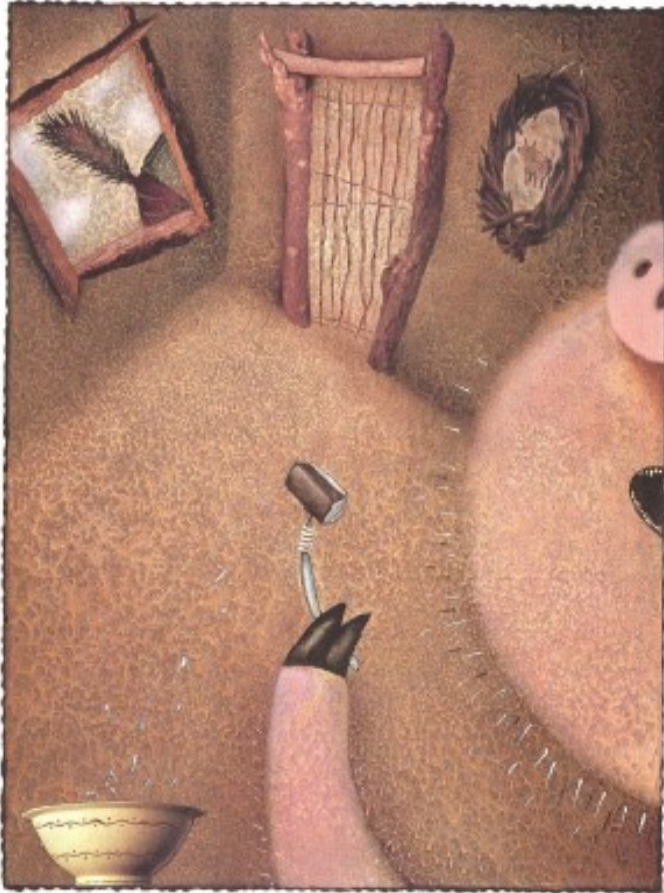
Pareceu-me um desperdício deixar ali no meio da palha um presunto em tão bom estado. Por isso, comi-o.
Pensa nisto como se fosse um grande hambúrguer que estivesse ali, à tua espera.



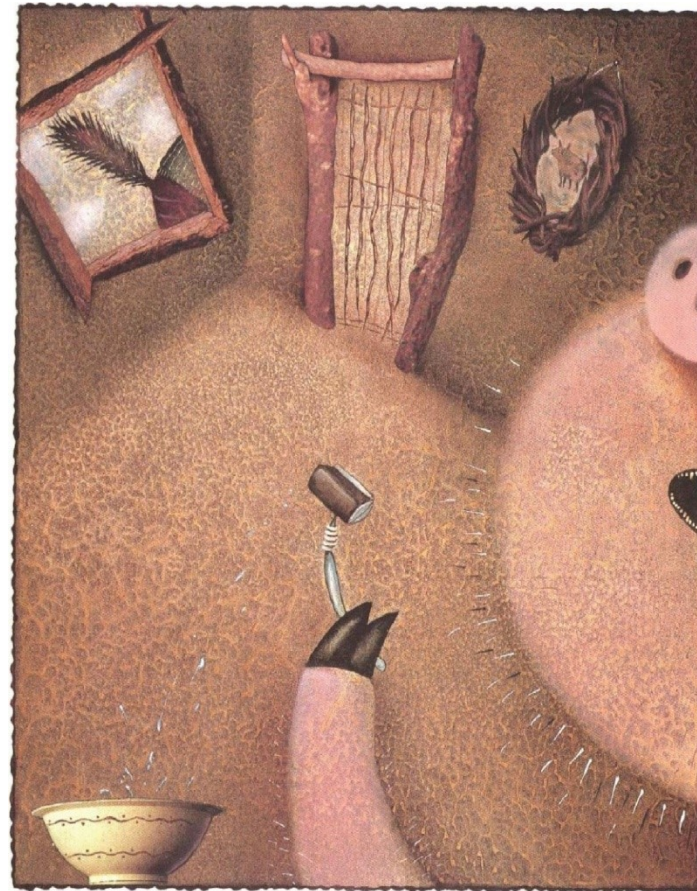
I was feeling a little better. But I still didn't have my cup of sugar.
So I went to the next neighbor's house.
This neighbor was the First Little Pig's brother.
He was a little smarter, but not much.
He had built his house of sticks.



Já me estava a sentir melhor, mas continuava sem ter o meu bocadinho de açúcar.
Por isso, fui a caminho da casa do próximo vizinho.
Este era irmão do Primeiro Porquinho.
Era mais esperto do que ele, mas também não muito.
Tinha construído uma casa com madeira.



I rang the bell on the stick house.
Nobody answered.
I called, "Mr. Pig, Mr. Pig, are you in?"
He yelled back, "Go away wolf. You can't come in. I'm shaving the
hairs on my chinny chin chin."



Toquei à campainha da casa de madeira, mas ninguém
respondeu.
Chamei: "Sr. Porco, Sr. Porco, está aí?"
Ele gritou: "Vá-se embora, Lobo. Não pode entrar! Estou
a tirar uns pelos do meu queixo para ele brilhar!"



I had just grabbed the doorknob when I felt another sneeze coming on.

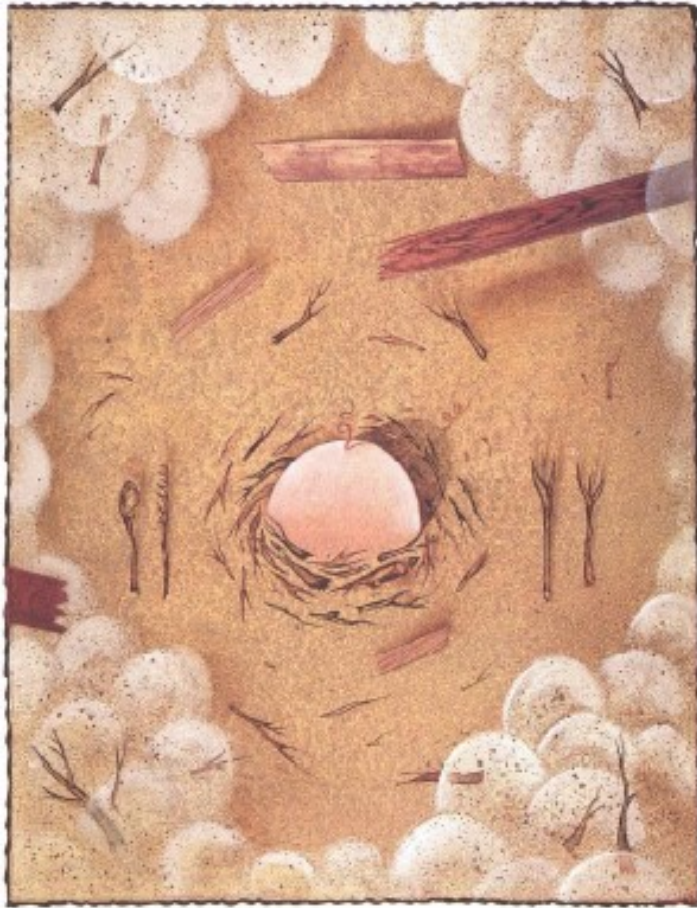
I huffed. And I snuffed. And I tried to cover my mouth, but I sneezed a great sneeze.



Tinha acabado de agarrar a maçaneta da porta quando senti outro espirro a chegar.

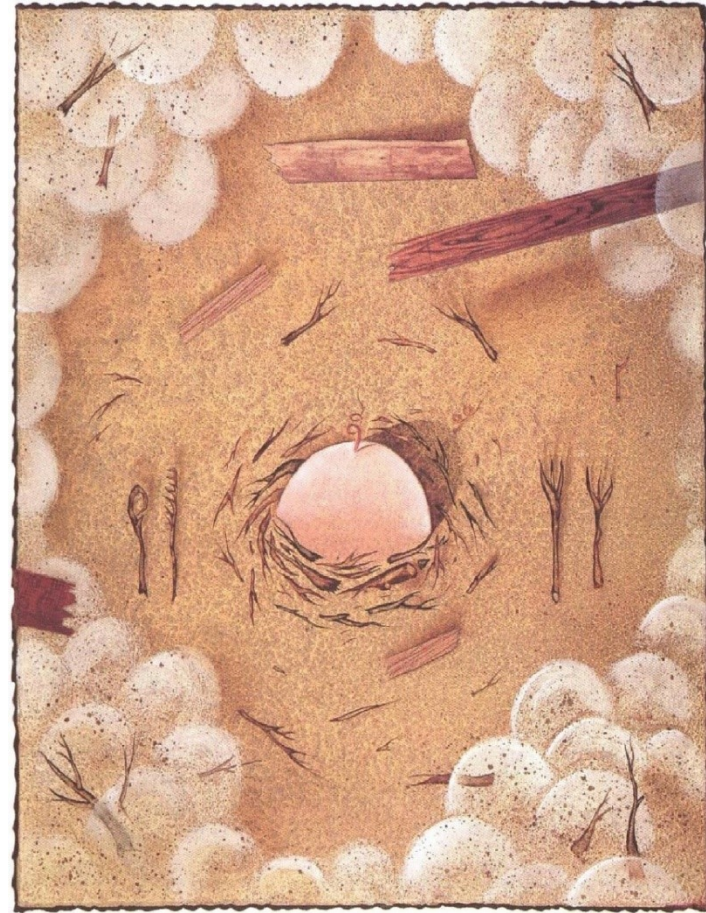
Eu inchei e bufei.

Tentei tapar a boca, mas espirrei um grande espirro.



And you're not going to believe it, but this guy's house fell down just like his brother's.

When the dust cleared, there was the Second Little Pig—dead as a doornail. Wolf's honor.



E não vais acreditar, mas a casa do rapaz também caiu, tal como a do irmão.

Quando a poeira assentou, lá estava o Segundo Porquinho, que tinha ido com os porcos, como quem diz, bateu as botas. Palavra de Lobo!





Now you know food will spoil

if you just leave it out in the open.

So I did the only thing there was to do.

I had dinner again.

Think of it as a second helping.

I was getting awfully full.

But my cold was feeling a little better.

And I still didn't have that
cup of sugar for my dear old
granny's birthday cake.

So I went to the next house.

This guy was the
First and Second Little
Pigs' brother.

He must have been
the brains of the family.

He had built his house of bricks.



Tu sabes que a comida se estraga
se a deixares ao relento.

Por isso, fiz a única coisa que se podia
fazer nesta situação: voltei a jantar.

Foi como se fosse a segunda rodada.

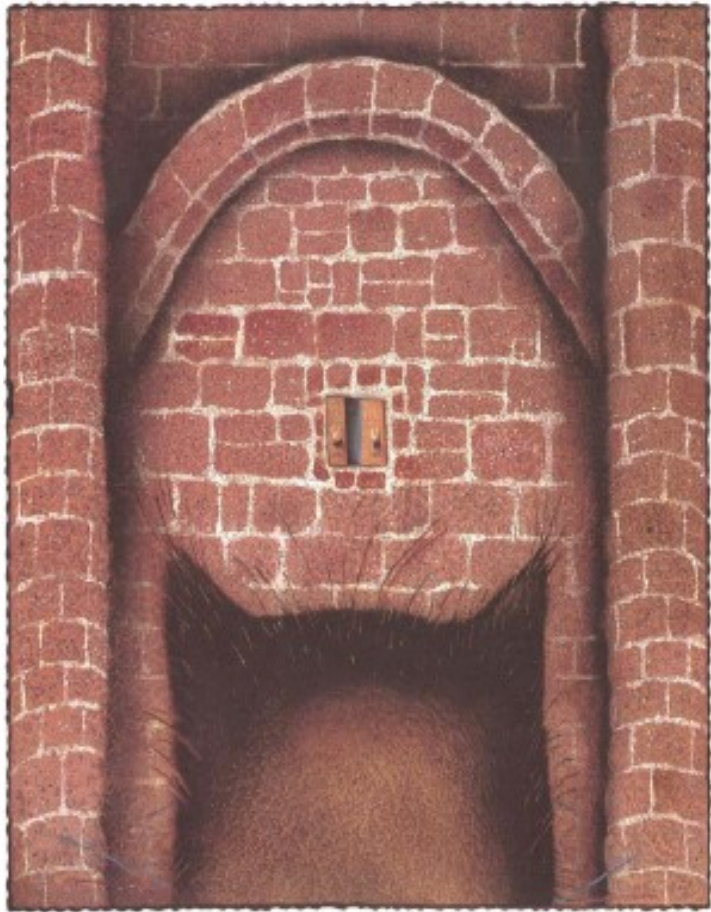
Já estava a ficar
terrivelmente cheio,
mas sentia-me muito
melhor da
constipação.

E ainda não
tinha o meu bocadinho
de açúcar para
o bolo de aniversário
da minha avozinha.

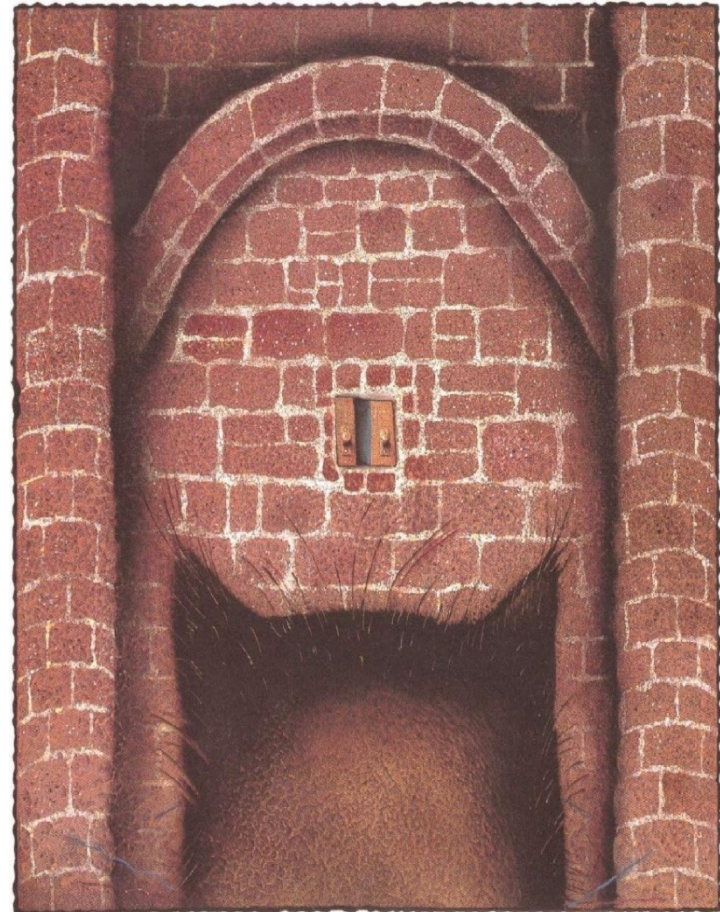
Assim, pus-me a caminho da próxima
casa. Esta era do irmão do Primeiro e
Segundo Porquinhos.

Ele devia de ser o cérebro da família,
porque construiu uma casa de tijolos.





I knocked on the brick house. No answer.
I called, "Mr. Pig, Mr. Pig, are you in?"
And do you know what that rude little porker answered?
"Get out of here, Wolf. Don't bother me again."

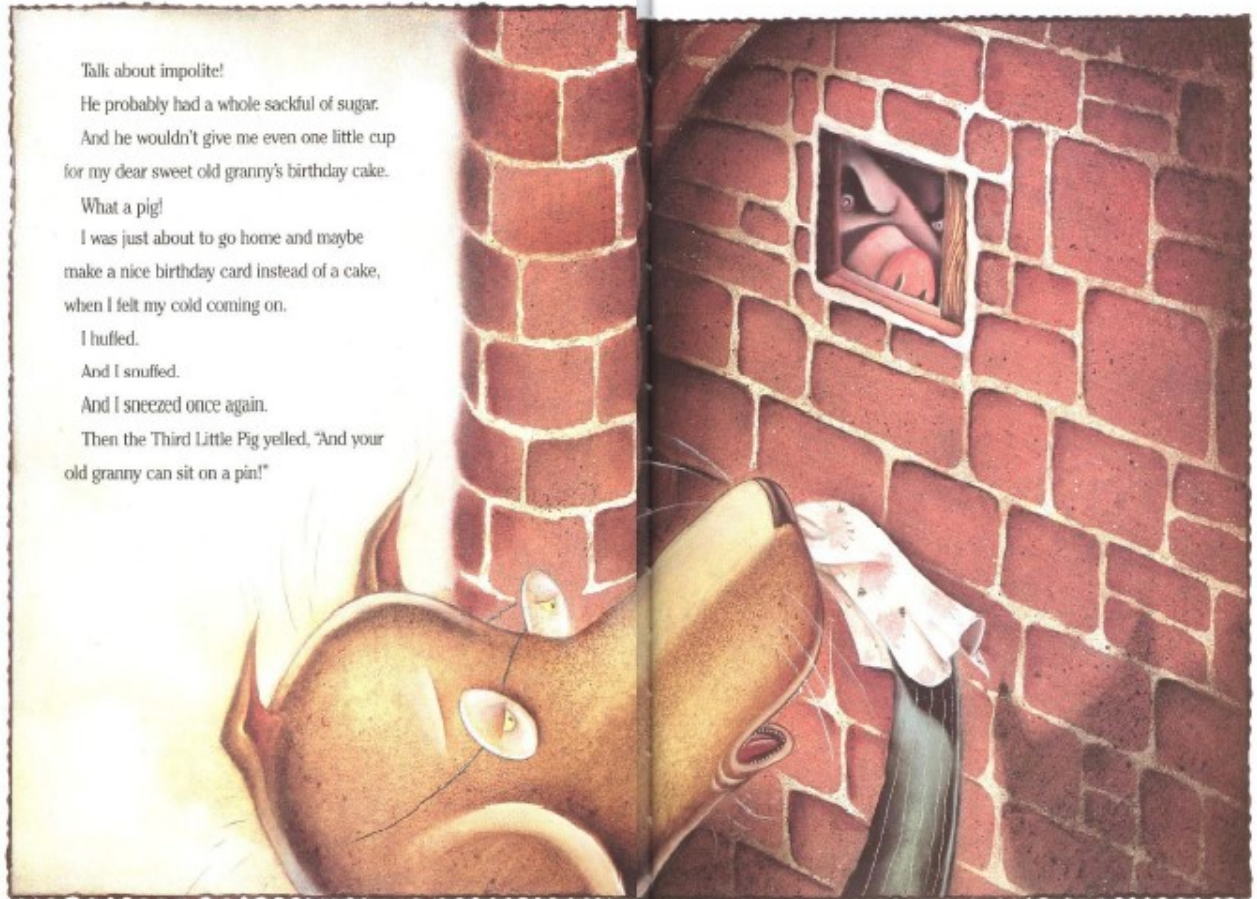


Bati à porta, mas ninguém respondeu.
Chamei: "Sr. Porco, Sr. Porco, está aí?"
E sabes o que é que aquele leitãozinho me respondeu?
"Sai daqui, Lobo! Não me voltes a incomodar!"

Talk about impolite!
He probably had a whole sackful of sugar.
And he wouldn't give me even one little cup
for my dear sweet old granny's birthday cake.

What a pig!
I was just about to go home and maybe
make a nice birthday card instead of a cake,
when I felt my cold coming on.

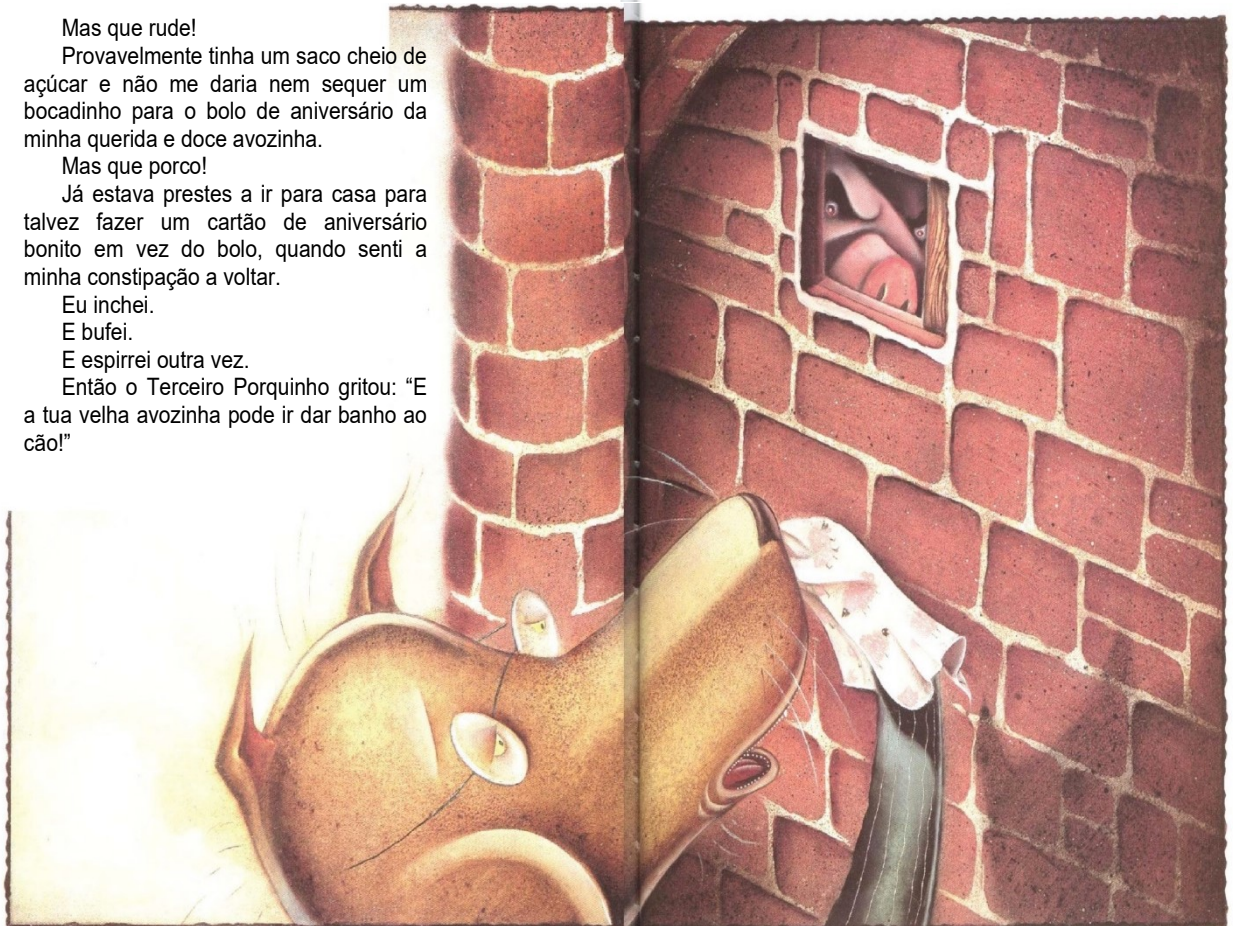
I huffed.
And I snuffed.
And I sneezed once again.
Then the Third Little Pig yelled, "And your
old granny can sit on a pin!"



Mas que rude!
Provavelmente tinha um saco cheio de
açúcar e não me daria nem sequer um
bocadinho para o bolo de aniversário da
minha querida e doce avozinha.

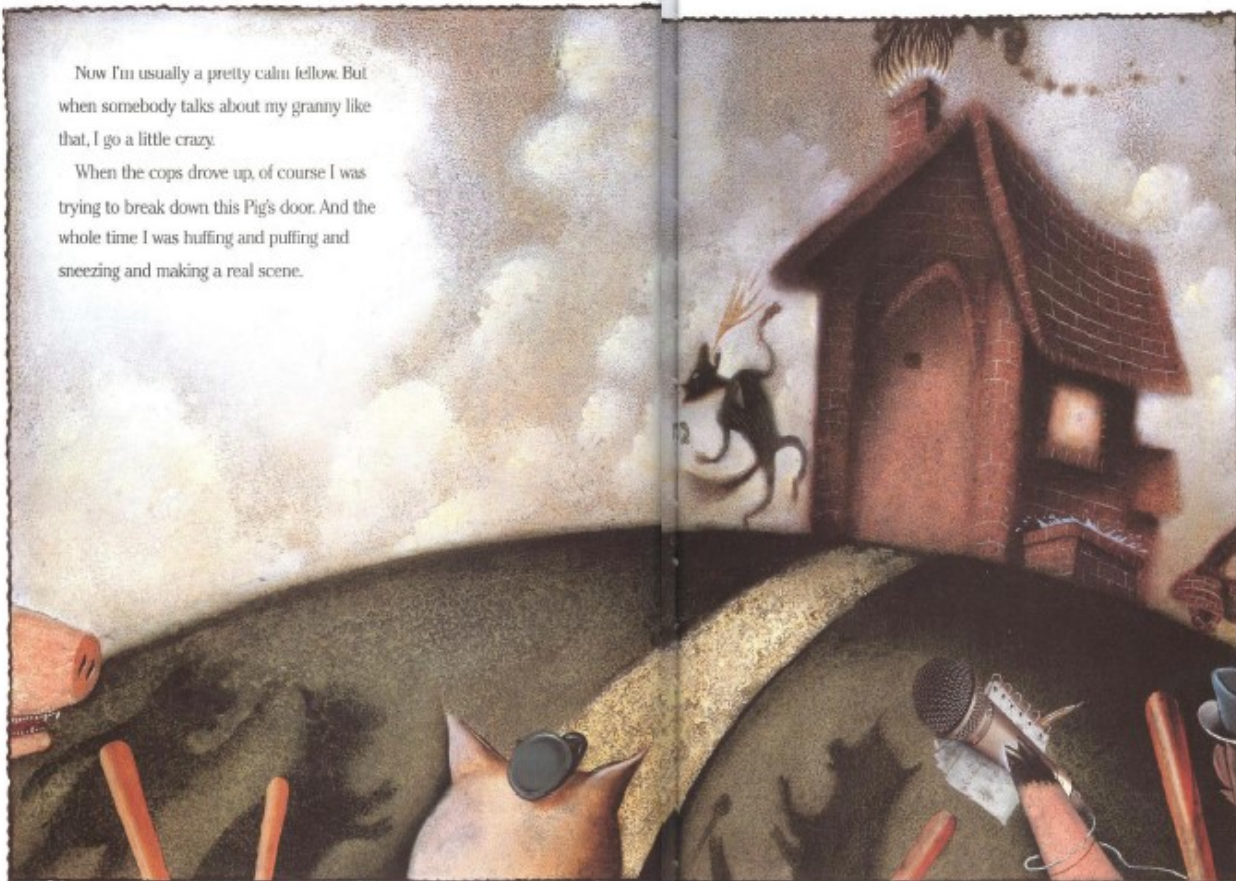
Mas que porco!
Já estava prestes a ir para casa para
talvez fazer um cartão de aniversário
bonito em vez do bolo, quando senti a
minha constipação a voltar.

Eu inchei.
E bufei.
E espirrei outra vez.
Então o Terceiro Porquinho gritou: "E
a tua velha avozinha pode ir dar banho ao
cão!"



Now I'm usually a pretty calm fellow. But when somebody talks about my granny like that, I go a little crazy.

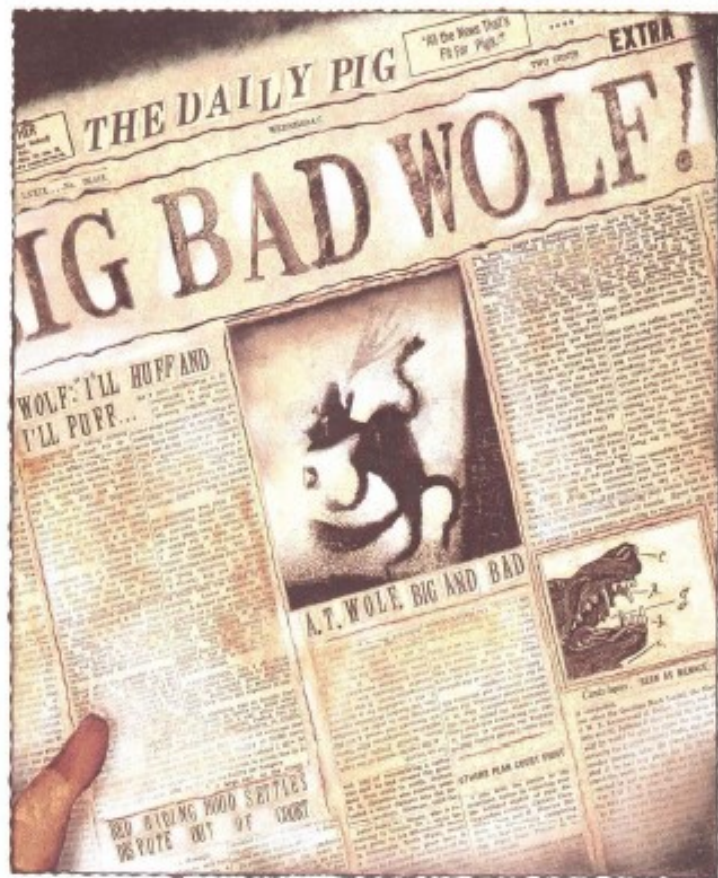
When the cops drove up, of course I was trying to break down this Pig's door. And the whole time I was huffing and puffing and sneezing and making a real scene.



Ora, normalmente sou um tipo muito calmo, mas quando alguém fala sobre a minha avozinha assim, eu fico um bocadinho chateado.

Quando a polícia chegou, claro, eu estava a tentar deitar abaixo a porta da casa do Porquinho. E durante esse tempo todo, eu inchei e bufei e espirrei e fiz um verdadeiro escândalo.





The rest, as they say, is history.



O resto, como se costuma dizer, é história.



he news reporters found out about the two pigs I had for dinner. They figured a sick guy going to borrow a cup of sugar didn't sound very exciting.

So they jazzed up the story with all of that "Huff and puff and blow your house down." And they made me the Big Bad Wolf.



That's it.
The real story. I was framed.

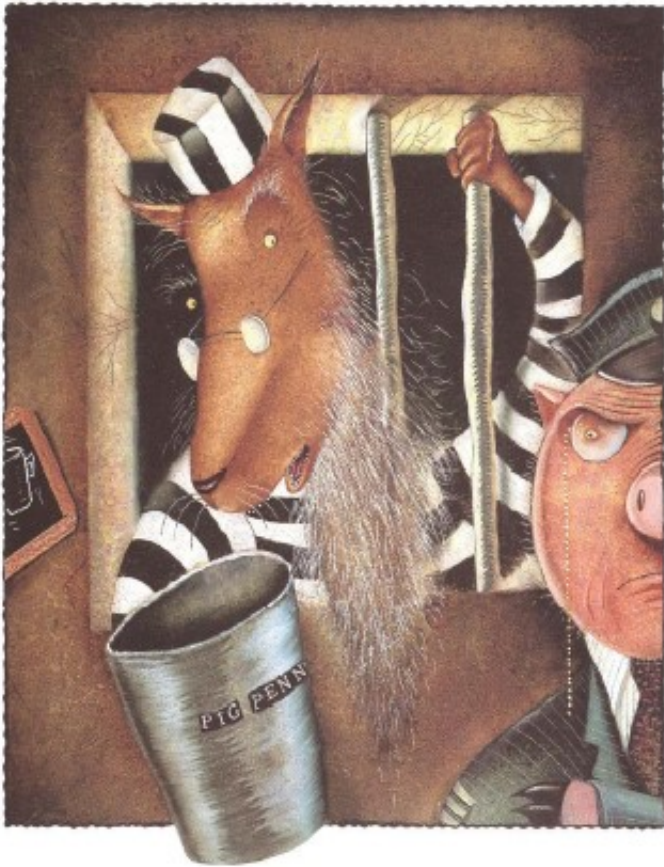


s jornalistas descobriram que eu tinha comido os dois porquinhos ao jantar. Eles pensaram que um rapaz doente a pedir um bocadinho de açúcar não era uma história muito emocionante para se contar.

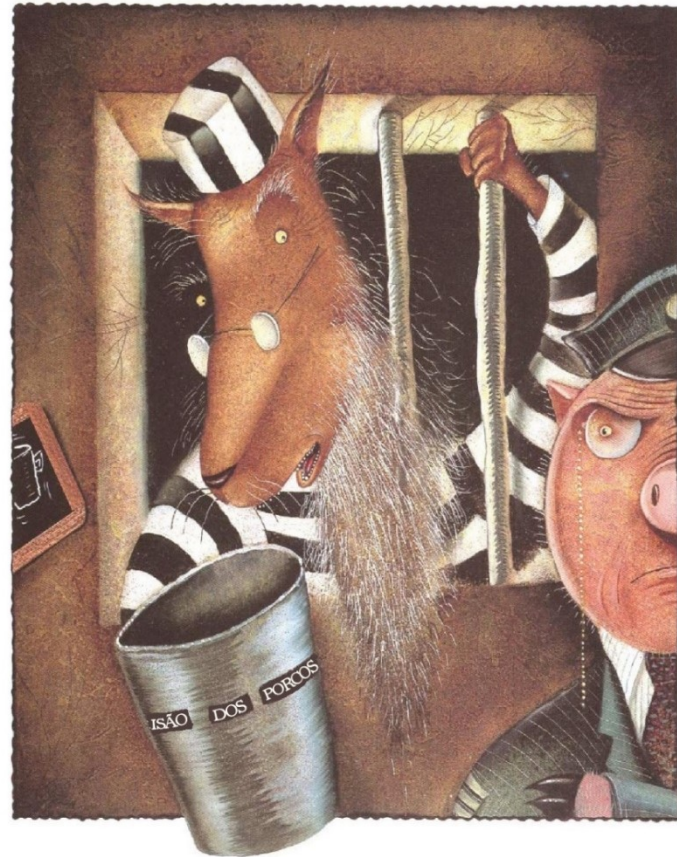
Por isso, exageraram a história com todos aqueles "inchar e bufar e deitar a casa abaixo". Fizeram de mim o Lobo Grande e Mau.



Foi isto. Esta é a verdadeira história.
Eu fui tramado.




But maybe you could loan me a cup of sugar.



Mas, talvez, podes-me emprestar tu um bocadinho de açúcar.




THE SEASONS OF THE COURSES



AS CENAS DOS CRIMES

1280 8-970-8275-2



AS CENAS DOS CRIMES

1280 8-970-8275-2

